PPN 119554666

Die Lieder des Trobadors
D. Joan Garcia de Guilhade
(13. Jahrhundert).

Kritische Ausgabe mit Anmerkungen und Einleitung.

Inaugural-Dissertation

zur

Erlangung der Doktorwürde

genehmigt von der

Philosophischen Fakultät

der

Rheinischen Friedrich-Wilhelms-Universität zu Bonn

vorgelegt von

Oskar Nobiling

aus Hamburg.

Promoviert am 18. Juli 1907.

FACULTÉ des LETTRES de PARIS
Institut d'Études Provençales

Erlangen.

K. B. Hof- und Univ.-Buchdruckerei von Junge & Sohn.

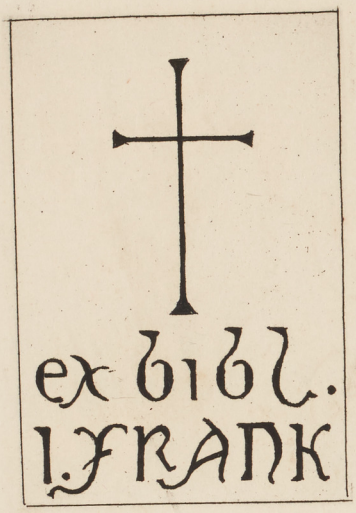
1907.

892

892

Berichterstatter: Geheimrat Prof. Dr. Wendelin Foerster.

Á memoria de meu pai.


ex bibl.
I. FRANK

UNIVERSITÉ DE PARIS-SORBONNE-PARIS IV
ILLO

Prefacio.

Estando hoje accessivel aos estudiosos todo o cabedal da poesia dos antigos trovadores portuguezes, quer — graças aos sabios italianos Monaci e Molteni — em primorosas edições diplomaticas, quer — é ao *Cancioneiro da Ajuda* de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que me refiro — numa edição critica e commentada do mais alto valor scientifico, já será tempo de reunirmos em edições completas as obras dos mais importantes d'entre os trovadores, afim de se poderem estudar as feições communs dêsse primeiro periodo da litteratura portugueza bem como as individuaes que caracterizam os seus vultos mais eminentes. Póde-se affirmar desde já que, apesar do convencionalismo e uniformidade essencial que reinam na lingua, no estylo e na poetica dos trovadores, entre elles se destacam individualidades bem caracterizadas, e cujos traços distinctivos transparecem tanto mais quanto as poesias têm mais o cunho nacional, afastando-se dos typos e modelos provençaes. Hoje nenhum conhecedor poderia attribuir, assim como o fizeram Diez e F. A. de Varnhagen, a um unico poeta as obras de mais de trinta trovadores distintos, quaes são os autores das cantigas contidas no Cancioneiro da Ajuda.

Devemos á elevada competencia de H. Lang a edição completa do mais fecundo dos trovadores, el-rei D. Denis. De todos os mais — postas á margem as cantigas sacras de D. Affonso o Sabio — não ha quem, pelo numero das suas composições até hoje conservadas, e que abrangem todos os generos mais notaveis, pela originalidade, por nenhum outro excedida, de sua indole poetica, pelo interêsse e variedade dos seus assumptos, mereça mais ser estudado que D. Joan Garcia de Guilhade, de cujas obras publico aqui a primeira edição completa. Quanto á sua biographia, veja-se o pouco que foi possivel averiguar della, no *Cancioneiro da Ajuda* de D. Carolina Michaëlis, vol. II, pag. 407 a 415, onde se encontra tambem uma apreciação e ligeiro commentario da sua obra litteraria. Baste relembrar aqui que Joan de Guilhade foi, segundo parece, um pequeno fidalgo originario da Galliza (onde ha varias localidades Guilhade), o qual, em meiados do seculo XIII, andou por terras de Portugal e Hespanha, ostentando sua habilidade no exercicio das armas e na arte de trovar.

A presente edição ainda não póde ser definitiva. Para isso seria indispensavel possuirmos, alem da collação dos codices existentes em Roma, a edição completa e litteralmente exacta dos documentos publicos escritos em lingua portugueza durante os seculos XIII e XIV. Só então é que se poderia escrever a historia da orthographia do antigo portuguez, da qual colheriamos preciosas informações ácerca de sua pronuncia. É apenas a titulo de ensaio que tentei resolver algumas das questões relativas a ambas e, baseado nestas soluções, uniformizar certas graphias por demais vacillantes dos codices manuscritos.

O texto das cantigas vai acompanhado de um commentario duplo: o critico (assignalado com o numero **I**) e o explicativo (designado com **II**). Estes bem como o texto que offereço baseiam-se no estudo que fiz do conteudo inteiro dos tres grandes Cancioneiros lyricos da Bibliotheca Vaticana, de Colocci-Brancuti e da Ajuda e, em segunda linha, no das Cantigas de S. Maria de D. Affonso o Sabio, que se distinguem dos outros Cancioneiros por particularidades notaveis no vocabulario, na grammatica e na versificação. Não occultei as minhas proprias duvidas e hesitações. Já que não existe nem um diccionario nem uma grammatica da lingua dos trovadores, esse *mais antigo idioma litterario da Peninsula*, ás vezes me vi obrigado a dar explicações lexicologicas ou grammaticaes que se podem encontrar dispersas, quer no *D. Denis* de Lang, quer na pequena, mas substanciosa monographia que, para o *Grundriss* de Gröber, Cornu escreveu sobre a Lingua Portugueza, ou mesmo no livro de Diez sobre a Primeira Poesia palaciana de Portugal. Dispensei-me, aliás, de citar autoridades ou passos comprobativos, sempre que as provas das minhas asserções occorrem facilmente a todos os conhecedores dos antigos Cancioneiros.

O Indice alphabetico com que remata este volume não deixará de prestar serviços, se bem que elle não possa substituir um glossario completo. Este, ao meu ver, será publicado com mais proveito no fim das edições de todo esse grupo de trovadores cujas poesias contêm testemunhos de relações directas ou indirectas com Guilhade: grupo interessantissimo, ao qual se liga tambem o monarcha castelhano, predecessor e modelo, na protecção outorgada ás Musas, de seu neto, el-rei D. Denis.

Não pude, na terra em que emprehendi o presente trabalho, utilizar-me de todos os subsidios scientificos que me offereceriam as bibliothecas da Allemanha ou da França. Entre as obras que sinto não ter consultado, occupam um lugar insigne os estudos que o Dr. F. Hanssen, lente do Instituto Pedagogico de Santiago de Chile, publicou relativamente á historia da metrica hispano-portugueza.

S. Paulo (Brasil), Março de 1907.

Lista das principaes obras consultadas com as abbreviaturas usadas.

A = Cancioneiro da Ajuda. Edição critica e commentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle a. S. 1904. Volume I (citam-se as cantigas).

A II = A mesma obra. Volume II (citam-se as paginas).

B = Il Canzoniere portoghese Colocci-Brancuti pubblicato nelle parti che completano il codice Vaticano 4803 da Enrico Molteni. Halle a. S. 1880 (a numeração das cantigas é a do editor).

Bluteau = Vocabulario portuguez e latino . . . pelo padre D. Raphael Bluteau. Coimbra e Lisboa 1712—1728.

Canc. Gall. = Cancioneiro gallego-castelhano . . . collected and edited by Henry R. Lang. I. New York 1902.

Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição critica restituida por Theophilo Braga. Lisboa 1878.

CD = Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal, herausgegeben von Henry R. Lang. Halle a. S. 1894.

CM = Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio. Las publica la Real Academia Española. Madrid 1889 (citam-se as cantigas e, da pag. 565 em diante, as paginas).

Coelho, Diccionario etymologico da lingua portugueza. Lisboa, P. Plantier-editor.

Cortesão = Subsidios para um Diccionário completo da língua portuguêsa, por A. A. Cortesão. Coimbra 1900—1901.

Diez, Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen. 4. Ausg. Bonn 1878.

Diez, Grammatik der romanischen Sprachen. 5. Aufl. Bonn 1882.

Elucid. ou Elucidario = Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antiguamente se usárão . . . por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Lisboa 1798—1799.

Gonçálvez Viana, Apostilas aos dicionários portugueses. Tômo I (*A—H*). Lisboa 1906.

Grundriss = Grundriss der romanischen Philologie . . . herausgegeben von Gustav Gröber. Strassburg, 1888—1901.

Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch. Paderborn 1891.

KuHp = Über die erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie von Friedrich Diez. Bonn 1863.

Lanchetas, Gramática y Vocabulario de las obras de Gonzalo de Berceo. Madrid 1900.

Meyer-Lübke, Grammatik der romanischen Sprachen. Leipzig 1890—1894.

Nobiling, Die Nasalvokale im Portugiesischen, em *Die Neueren Sprachen* vol. XI, fasc. 3 (Junho 1903).

Nobiling, Zu Text und Interpretation des Cancioneiro da Ajuda, em *Romanische Forschungen* vol. XXIII (Erlangen 1906).

Randglossen = Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch. Von Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em *ZfRPh* passim, do vol. XX, fasc. 2. (= *Randglosse* I; neste artigo citam-se as paginas da separata) ao vol. XXX (1896—1906).

V = Il Canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana messo a stampa da Ernesto Monaci. Halle a. S. 1875 (a numeração das cantigas é a do editor)

ZfRPh = Zeitschrift für romanische Philologie, herausgegeben von Dr. Gustav Gröber. Vol. XX a XXX (1896—1906).

Introducção.

A. Os textos.

A maior parte das cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade nos são conservadas tanto pelo codice da Vaticana como pelo Cancioneiro Colocci-Brancuti: são as que nesta edição têm os nos 1 a 8, 14 a 42, 46, 47, 49 a 53, e os primeiros versos de 48. Uma dellas, o nº 2, existe até em duas versões, bastante divergentes, no Cancioneiro da Vaticana. A sua ultima parte, assim como os nos 3 a 8 se encontram, alem disso, no Cancioneiro da Ajuda; e é este o unico que conserva os nossos nos 9 a 13. O resto, isto é, as cantigas que aqui vão sob os nos 43 a 45 e a maior parte de 48, só se conservaram no Cancioneiro Colocci-Brancuti. Uma, finalmente, que o Cancioneiro da Vaticana attribue a Estevan Fayan, é, segundo C. Michaëlis[1]), attribuida a Guilhade pelo Cancioneiro Colocci-Brancuti; e, visto se tratar duma cantiga que não traz nenhum cunho individual, confesso que não sei decidir a questão, pelo que a colloquei no Appendice, sob o nº 54.

Já existem em edições criticas — sem contar as hoje antiquadas[2]) —

1) **A** II. pag. 408, nota 1. O Canc. da Aj. não contém esta cantiga. O *Indice* de Colocci aponta, no lugar correspondente, 11 cantigas de Guilhade (417—27), ás quaes corresponderiam **V** 28 a 38, ficando assim excluido o nº 39, que é o da cantiga controversa; porem este argumento não é decisivo, pois a numeração do **V** ahi é errada, e, se descontarmos os nos 38, que é repetição do 29, e 32, que continúa o 31, não obtemos mais de 10 cantigas com o numero 39, e 9 sem elle.

2) Entre ellas o *Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição critica restituida* por Theophilo Braga, da qual todos os estudiosos da antiga lingua e litteratura ainda hoje têm de recorrer á edição de Monaci É que faltavam a Th. Braga, quando emprehendeu essa obra, os conhecimentos indispensaveis do idioma e da arte metrica dos trovadores. Quem se quizer convencer da verdade desta asserção — aliás reconhecida pelos competentes — compare, por exemplo, o texto que elle dá dos nos 25 ou 34 da presente edição.

as seguintes d'entre as cantigas de Joan de Guilhade: os nossos nos 2 a 13 no **A** 228 a 239, os nos 1, 14 e 54 no Appendice dessa edição (**A** 454 a 456), os nos 37 e 38 no IIº volume da mesma obra („Investigações bibliographicas, biographicas e historico-litterarias", pag. 645—47), finalmente os nos 43, 45 e 46 nas „*Randglossen*", *ZfRPh,* vol. XX, 2, pag. 12, e vol. XXV, pag. 166 e 147 (á pag. 145 de mesmo vol. já se acha impresso, pela primeira vez, o nosso nº 14). A editora de todas estas cantigas, D. Carolina Michaëlis, que alem disso imprimiu bastantes passos soltos de outras — sobre tudo no **A** II, pag. 411 a 414 —, é justamente considerada como primeira autoridade nessa materia: claro é que tirei grande proveito das suas publicações, e espero que não me censurem de temerario, se cá e lá discordei de sua opinião.

Não se me tendo offerecido a opportunidade de ver os codices, não pude tomar por base de meu texto senão o que vai impresso nas edições de Monaci (**V**), Molteni (**B**) e C. Michaëlis (**A**); assignalei cuidadosamente as variantes dos manuscritos que se deprehendem dellas — exceptuando meras divergencias graphicas, de que darei conta a pags 5 a 10 — e aquellas emendas dos editores que me mereceram reparo. Monaci, nas notas de sua edição diplomatica, já emendou varios dos erros numerosos que commetteram os copistas italianos, ignorantes do idioma portuguez: designei estas emendas pela abbreviatura „Mon" e por „Mich" as lições que C. Michaëlis introduziu no texto, distinguindo por algarismos („$Mich_1$", „$Mich_2$") as divergencias das duas edições que ella deu da cantiga 14.

A primeira secção dos nossos textos abrange as *cantigas* (ou *cantares*) *d'amor*. Assim chamavam os trovadores áquellas poesias em que o poeta falava em seu proprio nome, exprimindo os sentimentos que lhe inspirava a mulher amada, a *senhor*; comprehendiam, porem, sob a mesma denominação tambem os dialogos amorosos quando (como no nº 4) era o poeta quem falava em primeiro lugar[1]). São quasi sempre sentimentos de magua, queixas e modestas supplicas que se manifestam nas cantigas d'amor; o nosso poeta, todavia, sae ás vezes do estylo tradicional pelo tom de alegria ou confiança em que fala (nos 1 e 8). O codigo de cortezia, importado do sul da França, vedava revelar quem era o objecto dêsses lamentos e suspiros; mas Guilhade infringe as leis convencionaes, commettendo indiscrições que não têm desculpa a não ser a loucura da paixão (nos 3 e 12). E ha uma entre as suas cantigas d'amor que é litteralmente sem igual: é a 14ª, que principia como uma verdadeira cantiga de maldizer, assumindo um tom mais terno a partir do verso 11. Quanto aos personagens ahi mencionados veja-se o que

1) Veja-se o tratado fragmentario de poetica conservado no começo do Canc. Col.-Branc. (**B**, pag. 3, l. 2—12): o trecho está transcrito no **CD**, pag. XIII.

foi averiguado por C. Michaëlis, na *ZfRPh*, vol. XX, 2, pag. 52. Tambem é nos seus doutos commentarios (**A**, pag. 447 e 923) que o leitor verá que o nosso nº 3 foi traduzido em versos allemães por Diez, *KuHp*, pag. 90, e por Storck; que o estribilho do nº 2 é repetido (ainda que alterado) na cantiga **B** 361, cujo autor é el-rei D. Affonso de Castella e de Leão; e que ha affinidade entre o nº 7 e a cantiga **B** 403, de Gil Perez Conde. Transparecem ahi relações de amizade e dependencia cujo estudo mais detido fica reservado para o futuro.

Aggreguei a esta secção o nº 15, que no Canc. da Vaticana está, por engano, entre as cantigas d'amigo: dêsse modo, o numero de cantares d'amor que possuimos de Guilhade se eleva a 15, ou, se contarmos o nº 54, de autor incerto, a 16.

Quando se tratava de cantar um amor correspondido, os trovadores costumavam recorrer a outro genero de poesias: são as *cantigas d'amigo*, assim chamadas, naturalmente, porque na primeira estrophe se encontra sempre a palavra *amigo* (i. e. namorado). Nestas cantigas, quem fala é a dama; ou antes, é o trovador que assume o papel della[1]), falando em seu nome. Somos informados sobre a origem de taes cantigas por dois exemplos do genero, que, por causa de sua importancia, vêm publicados no Appendice, sob os nºs 55 e 56. Nos cantares d'amigo, tampouco como nos de amor, não apparece o nome da dama; alguns poetas, porem, e entre elles Guilhade, gostam de inserir nelles seu proprio nome (nºs 16, 19, 21, 26, 30, 34, 36).

Possuimos 21 cantigas d'amigo de Joan de Guilhade. A este genero pertencem tambem os dialogos entre amantes, sempre que é a dama quem primeiro toma a palavra[2]), e os dialogos entre esta e a mãi ou amigas, de que temos um exemplo no nº 34. É nas cantigas d'amigo que Guilhade revela toda a sua originalidade: ostenta uma vaidade ingenua (nºs 20, 21, 27) e logo depois trata sua propria pessoa e seu amor com fina ironia ou franco desprezo (nºs 25, 26, 29, 30, 32, 34, 36); dá vida e individualidade ás donzellas que falam nas suas cantigas, emprestando-lhes ora uma melancholia humilde, ou altiva e desdenhosa (nºs 22, 23, 17), ora um optimismo encantador (nº 18), ora uma ternura meiga (nºs 16, 23), ora um espirito folgazão (nºs 25, 29), uma virtude esquiva ou ingenua (nºs 19, 21, 31). Na cantiga 35ª, assim como eu a entendo, a bella que diz de si mesma que

---

1) Parece ser este o primeiro sentido da locução *enfingir-se d'ela*, que se lê, v. g., V 616, 3 e 9; 778, 2; 882, 2: geralmente ella póde traduzir-se por „gabar-se de provas de amor" e não implica de modo algum a idéia de presumpção mentirosa, como se verifica no nosso nº 55 e no V 1125.

2) Cf. mais acima, pag. 2, nota 1.

parece ben e *ama prez e parecer*, zomba das outras, que perderam seus servidores desde que os trovadores *van pera mal*, emquanto que ella confiadamente espera seu tempo, certa de que virá aquelle que fará *valer o amor*.

Nas 2 *tenções* que possuimos de Guilhade, é elle proprio o aggressor, e o aggredido o jogral Lourenço, que, conforme se conclue da segunda dellas (nº 38), estava ao seu serviço, cantando e acompanhando as suas cantigas e recebendo, a trôco disso, o sustento. Impossivel é dizer hoje se eram justificadas as queixas que ahi trocam o amo e o criado. A censura que Guilhade dirige ao jogral (v. 750) por fazer mal sua parte da tenção, refere-se, como observa C. Michaëlis[1]), á infracção da regra que prescrevia a correspondencia das rimas (vid. mais adiante, pag. 13—14).

Cantigas d'escarnho são, segundo se exprime o antigo tratado de poetica[2]), *aquelas que os trobadores fazen querendo dizer mal a alguen en elas, e dizen-lh'o per palavras cubertas, que ajan dous entendimentos, pera lhe-lo non entenderen ligeyramente*; as *cantigas de maldizer*, pelo contrario, são *aquelas que fazen os trobadores* [*dizendo mal*] *descubertamente en elas en craras palavras a quen queren dizer mal, e non aver*[*án*] *outro entendimento se non aquel que queren dizer chãamente*. Convem observar, entretanto, que a distincção entre estes dois generos de composições satiricas muitas vezes é bem difficil de fazer, pelo que preferi não me afastar da ordem em que as cantigas aqui impressas se succedem nos codices, a não ser para reunir em grupos as cantigas que dizem respeito aos mesmos personagens ou á mesma classe de personagens. Assim comecei pelas satiras dirigidas contra jograes, entre os quaes o Lourenço das tenções occupa o primeiro lugar; seguem-se as cantigas que escarnecem duns fidalgos; e remata o cancioneiro de Joan de Guilhade com as invectivas contra o bello sexo que formam o mais vivo contraste com as galanterias dos cantares d'amor. Da grosseira indecencia e immoralidade de que fazem alardo as cantigas de escarneo e maldizer da epoca não faltam exemplos nas de Guilhade. Taes são os nºs 41 e 42, que se dirigem ao jogral Martinho e sua mulher, os nºs 47 e 48[3]), que presumo referirem-se igualmente a identicos personagens, os nºs 51, 52 e 53. O *cavalo* de que fala a cantiga 49ª tambem tem, sem duvida, sentido obsceno; de outra parte, o vocabulo obsceno da cantiga 52ª não significa ahi, ao meu ver, senão „roubar".

O nº 43 pertence a um grupo de cantigas de diversos autores, do qual

1) **A** II, pag. 646, **nota 2.**

2) **B**, pag. 3, l. 14—19 e 33—36.

3) C. Michaëlis engana-se (**A** II, pag. 410), quando julga descobrir nesta cantiga „confissões de Guilhade sobre o mau-preço da propria mulher."

D. Carolina Michaëlis tratou num artigo importante, „*Der Ammenstreit*“ [1]). Ella descobriu os laços que unem todos esses documentos interessantes, e indicou as lacunas que existem nesta serie de poesias connexas. Poucas palavras bastarão aqui para elucidar a nossa cantiga. Embora o autor dirija a palavra ao jogral Lourenço, já acima mencionado, seu verdadeiro adversario é D. Joan Soarez Cõelho, o protagonista de todo esse grupo de escaramuças poeticas. Este fidalgo [2]) tinha censurado as tenções de Guilhade e exaltado a arte do jogral acima da delle (v. 854—56) [3]). Guilhade, *en bon tacticien*, defende-se tomando a offensiva, e zomba do rico-homem por ter prestado homenagem a uma „ama“ e entretido relações com tecedeiras. Possuimos duas cantigas d'amor de Joan Soarez (**A** 166 e 171; art. cit., pag. 4 e 8), nas quaes este professa ser vassallo de uma mulher a quem „ouve chamar ama por ahi“ [4]), e uma tenção (**V** 786; art. cit., pag. 9) em que o mesmo fidalgo declara que viu damas nobres tecer cintas e criar (o que póde significar „amamentar“) formosas meninas. E ha outras cantigas (**B** 384 e **V** 1092; art. cit., pag. 6 e 11) em que varios autores ridiculariza o trovador por ter cantado amas e tecedeiras. É, pois, a este côro que o nosso poeta une sua voz na cantiga 43ª.

As cantigas que escarnecem de fidalgos escassos (nos 44 a 46) explicam-se por si sós. A ultima dellas se refere a um decreto real que regulava a despesa feita pelos ricos-homens na mesa e vestuario: decreto hoje perdido, mas que C. Michaëlis [5]) julga ter sido promulgado em 1258, pelo rei de Portugal. Naturalmente, esta lei sumptuaria determinava o maximo das despesas licitas; mas o poeta interpreta-a como se ella prescrevesse um minimo [6]).

B. Graphia e pronuncia.

A orthographia dos Cancioneiros, que pela relativa uniformidade se distingue bastante da anarchia graphica dos documentos publicos daquella epoca, segue principios phoneticos, se bem que em certas palavras se faça notar a influencia da fórma latina. Taes graphias não-phoneticas são, ao

---

1) *Randglosse* I, na *ZfRPh* XX, 2.

2) Encontra-se sua biographia no **A** II, pag. 364—82.

3) Só se Guilhade de proposito inverteu a verdade, as suas palavras se podem referir á tenção (**V** 1022) em que Joan Soarez acommette a Lourenço, affirmando que suas tenções são tão imperfeitas que o verdadeiro autor não póde ser outro que Joan de Guilhade. Cf. o art. cit., pag. 14—15. — Ignoro se a censura de Joan Soarez allude a um dos nossos nos 37 e 38 ou a outra tenção trocada entre Guilhade e seu jogral e hoje perdida.

4) *Atal vej' eu aquí „ama“ chamada.*

5) **A** II, pag. 414—15, e *Randglosse* III.

6) C. Michaëlis é de opinião um tanto differente: cf. **A** II, pag. 665.

meu ver, *bona*, que se encontra frequentes vezes ao lado de *bõa*, *boã*, e *boa*, bem como *et* e a sigla 7, como escrevem de preferencia certas cantigas e grupos de cantigas (v. g. **V** 455—58, 467 e 468, 470—72, 556, 593, 707 e 708 etc.), emquanto que as mais só empregam a fórma *e*[1]). Raro é o emprego de consoantes duplas que não sirvam, como servem *rr* e *ss*, para denotar a pronuncia. A que mais frequentemente se encontra geminada é *ff*, quer por sua semelhança com o *ff*, quer por motivos da pronuncia latina vigente nos primeiros seculos da idade media[2]). Assim se lê, v. g., *soffr' e soffri* (**A** 239, 8 = v. 262), *enffengia* (**V** 354, 5 = v. 494).

Nestes casos e em outros, tratei apenas de regularizar as graphias dos codices, tornar facil a leitura e evitar ambiguidades. Não empreguei geminações fóra de *rr* e *ss*; eliminei as raras letras mudas, como o *h* de *ha* e *he* (que escrevo *á*[3]) e *é*), ou um *e* de *seerá* (v. 329) quando a medida do verso exige a pronuncia *será*; adoptei o *lh* e *nh* dos codices italianos, em vez do *ll*[4]) e *nn* do Canc. da Ajuda e das Cantigas de S. Maria, e igualmente as graphias *mh*, *bh*, *vh* (antigamente *uh*), pelas quaes aquelles codices substituem com vantagem as graphias *mi*, *bi*, *ui* dos outros, sempre que o *i* não fórma syllaba. Assim distingo o monossyllabo *mha* (pronuucie-se *miá*) do dissyllabo *mia* (ambos < lat. *mea*) e escrevo *Segobha* (v. 246; pronuncie-se *Segôbia*). Resolvi as abbreviaturas e siglas, e separei as palavras, guiando-me geralmente pelo uso moderno e empregando largamente o apostropho e o traço de união. Escrevi, v. g., *pe-lo* (= *per lo*), *po-lo* (= *por lo*), *de-lo* (= *des lo*), *mh-amor* (dissyllabo, = *mi amor*). Pelo contrario, fui parco no emprego de accentos, excepto quando se tratava de distinguir vocabulos de pronuncia differente, como *de* e *dé* (v. 325)[5]), ou notar a accentuação dos vocabulos agudos acabados por vogal ou *s*[6]). Afim

1) Se a consoante final do lat. *et* estivesse, ainda que esporadicamente, conservada na pronuncia do portuguez antigo, a graphia *et* (7) se encontraria sobre tudo antes de palavras que começam por vogal; mas de semelhante praxe não ha vestigio.

2) A orthographia anglo-saxonica conserva um estado evolutivo do latim, em que o *f* simples entre vogaes tinha o som de *v* (cf. o port. *proveito* < *profectum*).

3) Não ha ambiguidade nisso, pois a contracção *á* de *a a* ainda não era usada.

4) A respeito da graphia *nullo*, que póde ser latina ou castelhana, veja-se a nota ao v. 106.

5) Onde não ha certeza de ser differente a pronuncia, não quiz differenciar a fórma escrita. Por isso não distingui (como o faz C. Michaëlis) *en* (< *inde*) e *en* (< *in*).

6) Palavras que, em virtude de seu emprego syntactico, têm pouco ou nenhum accento tonico, são *pero* (cf. v. 51) e *pera* (= para). Quanto a *atá*, veja-se a nota ao v. 536.

de ser coherente, e porque não são raras na lingua antiga as palavras terminadas por *i* átono (como *dixi*, *ouvi* < *habui*), accentuei o *i*, como as mais vogaes, em vocabulos agudos (v. g. *aquí*, *oí* < *audivi*). Nos vocabulos terminados por *n* (vid. mais abaixo) julguei dispensavel o emprego do accento, a não ser para indicar pronuncia diversa de palavras parecidas, como o futuro (v. g. *preguntarán*) e o plusquamperfeito (*preguntáran*).

Como não emprégo os accentos para marcar a pronuncia aberta ou fechada do *e* e *o* (excepto para distinguir homographos), cumpre-me dizer aqui algumas palavras sobre duas differenças importantes que, como o demonstram as rimas dos Cancioneiros, distinguem a pronuncia antiga da moderna.

1º. Os comparativos *mayor*, *menor* (ou *mẽor*), *melhor*, *peyor* (ou *peor*), bem como *arredor* e *derredor* rimam sempre com a terminação *-ôr*, e nunca com o vocabulo *cór* (= coração): segue-se d'ahi que o *o* daquellas palavras era fechado, o que condiz perfeitamente com o *ō* latino e o *o* castelhano das palavras correspondentes.

2º. Comquanto ao diphthongo *éu* do portuguez moderno correspondesse na lingua antiga o dissyllabo *é-o* (v. g. *céu* < *cé-o*), o diphthongo *éu* existia em *eu*, *meu(s)*, *teu(s)*, *seu(s)*, na 3ª sing. perf. *deu*, em *Deus*, *judeu(s)* e outros substantivos e adjectivos cujo *e* corresponde a um *ĕ* ou *ae* latino, bem como em alguns vocabulos tirados do provençal, v. g. *greu* (= pesado, penoso) e *ben-lheu* ou *ben-leu* (= talvez). Estas palavras não rimam nunca com a desinencia *-eu* da 3ª sing. perf. dos verbos em *-er* (desinencia que corresponde á latina *-ēvit*). Pronunciava-se, portanto, com *ê* esta ultima desinencia, assim como o vocabulo *sandeu*[1]), que só rima com ella. Quanto ao diphthongo *ey*, as rimas não estabelecem distincções, quer seu *e* provenha de um *ē*, *ĕ* ou *a* latino: pois rima *rey* (< *rēgem*) com *sey* (< *sapio*), e *dereyto* (franc. *droit*) com *leyto* (franc. *lit*) e *feyto* (franc. *fait*). O diphthongo *ou*, finalmente, parece que tinha o *o* ainda aberto: veja-se a nota ao v. 1085.

Um signal que introduzi no texto, seguindo o exemplo das edições de obras poeticas em antigo allemão, é o ponto collocado debaixo daquellas vogaes finaes ou iniciaes que, ao encontrarem-se com outras, não contam na medida do verso. Na maioria dos casos, os codices supprimem taes vogaes, o que indiquei pelo apostropho; como, todavia, o não contar uma vogal no verso não implique necessariamente sua elisão na pronuncia (podendo tambem dar-se a crase ou fusão numo só syllaba das duas vogaes que se encontram),

1) Nenhum dos que se occuparam até hoje da etymologia problematica dêste vocabulo attendeu á qualidade de seu *e*, que o afasta tanto de *Deus* como dos adjectivos *meu* e *judeu*, apesar do fem. *sandia*, analogo a *mia* e *judia*.

recorri ao expediente mencionado para distinguir esses casos de elisão ou synalepha dos não menos frequentes de hiato.

Quanto ao valor e emprego das letras, tenho de observar mais o seguinte. Distingui o *v* do *u*, e o *j* do *i*. O *g*, antes de *e* e *i*, tinha seguramente o mesmo valor que o *j*, e achamos escrito, nos codices, *trager* ou *traier*, *oie* ou *oge*: graphias que eu tratei de regularizar, bem como o emprego do *c*, *ç* e *z*. Já está esboçado nos codices, porem não se tinha ainda bem fixado o uso moderno de escrever sempre *z* no fim da palavra, ao passo que no principio e meio della *z* designa o som sonoro, *c* ou *ç* o som surdo: lemos, se bem que excepcionalmente, *lanzar* (v. 515), *creze* (v. 534), *zafou* (v. 589), *donçela* (v. 606) etc. Nestas e outras palavras semelhantes generalizei as graphias mais communs dos codices, e nos casos duvidosos guiei-me pela pronuncia moderna, dando conta, na lista das variantes, de todas estas alterações da graphia manuscrita (excepto em casos como *vencedes* por *vençedes*, v. 514)[1]. Não occorre ainda a confusão de *z* ou *c* com *s* (*ss*). — O *y* se usava com o valor de um *i*, e de preferencia depois de uma das letras *a*, *e*, *o*, *u*, como em *mayor*, *ey*, *oya*, *guysa*. Restringindo ainda mais seu uso, aproveitei-me da letra para estabelecer uma distincção phonetica: empreguei sempre *y* para designar o *i* que, depois de vogal, não faz syllaba. Escrevi, pois, *mayor*, *ey*, porem *oia* e *guisa*. Dêste modo, torna-se dispensavel o uso do trema em palavras como *oia*, *oir* e *oirey*; e se, ao mesmo tempo, a orthographia do portuguez antigo se aproxima da castelhana, não ha nisso, por certo, desvantagem. — Em lugar da desinencia átona *os* escrevia-se ás vezes *us*, e muito a miudo a sigla 9[2]: eu generalizei a graphia *os* em todas as palavras assim terminadas, incluindo os pronomes átonos *vos* e *nos*[3].

A nasalidade das vogaes indica-se nos Cancioneiros pelo til sobreposto, ou um *m* ou *n* collocados depois da vogal. Não ha distincção entre estas notações, excepto quando a vogal nasal é seguida por outra vogal, sendo então de regra o uso do til, o qual, porem, muitas vezes não está no lugar proprio, ou se omitte inteiramente (cf. as graphias já citadas *bõa*, *boã* e *boa*). Nesse caso, não se emprega nunca *m*, e é raro *n*; porem depois de *i* se

---

1) Subsistem algumas duvidas relativamente a *arriçar* (v. 1019) e ao *fazo*, *fazades* dos codices (v. 499 e 1140), que talvez traduzam a pronuncia, influenciada por *fazes* e *fazedes*.

2) Casos excepcionaes são os seguintes: V 1100, 5 (= v. 1073) *p*9 = *pós* (< *posuit*); 1083, 14 *p*9 = *pos* (< *post*); 941, 12 *ap*9; 963, 9 e 1083, 2 *dep*9 (1083, 4 *de pus*; 1083, 13 *en pus*).

3) Sobre a distincção graphica entre estes e *vós* e *nós*, entre *mi*, *ti*, *si* e *mí*, *tí*, *sí* veja-se meu artigo „*Zu Text und Interpretation des Canc. da Ajuda*" em *Romanische Forschungen*, vol. XXIII, pag. 342—44.

encontra frequentemente escrito *nh*, v. g. no suffixo *-inho*, ao lado de *-ĩo*, em *minha*, ou *mĩa* (cf. v. 221). Igual emprego do *nh* occorre em *unha*, que se lê ao lado de *ũa* e *uã*. Não é possivel que todas estas vacillações traduzam pronuncias diversas correntes no tempo dos trovadores; uniformizei, por isso, a notação das vogaes nasaes, escolhendo, entre as graphias dos codices, aquellas que, sem destoarem dos habitos orthographicos modernos, parecem melhor responder á pronuncia antiga[1]), e notando, na lista das variantes, a lição do codice, sempre que me afastei della. No meio da palavra, antes de vogal, usei sempre do til, quando a etymologia prova que existiu outr'ora vogal nasal. Esta praxe apoia-se nas rimas dos Cancioneiros[2]), pois nunca rimam as terminações *-ãa(s)*, *-ães*, *-ão(s)*, *-ẽa*, *-ẽes*, *-ẽo*, *-ĩas*, *-ĩo(s)*, *-õa(s)*, *-ões*, *-õo* com *-aa(s)*, *-aes*, *-ao(s)*, *-ea*, *-ees*, *-eo*, *-ias*, *-io(s)*, *-oa(s)*, *-oes*, *-oo*; e as rarissimas rimas de *-ẽas* com *-eas* (**CM** 357, 4; 385, 8), de *-ẽen* com *-een* (**CM** 340, 10), de *-ĩa* com *-ia* (**V** 751; **CM** 221), de *-ũa* com *-ua* (v. 1111), de *-ũu* com *-uu* (**V** 1000; 1150; 1151) não destoam das outras rimas imperfeitas que cá e lá occorrem nas Cantigas de S. Maria e em cantares de escarneo e maldizer[3]). Posso amparar-me igualmente com as rimas dos Cancioneiros, se, divergindo das graphias manuscritas, porem de accordo com a etymologia, imprimo *vĩide* (= vinde, v. 620) e *mãefestar* (v. 952): pois *tẽedes* (= tendes) rima com a desinencia *-êdes* (**V** 1068, 6; 1175, 17; **B** 131, 16; 401, 27; 423, 1), e *bõaça* (= bonança) com palavras em *-aça* (**V** 1004, 5), embora os copistas escrevam *teendes* e *boança*. — No interior da palavra, antes de consoante, empreguei *m* ou *n*, de conformidade com o uso moderno; mas no fim da palavra usei sempre do *n*, para evitar a graphia *am*, que, quando é final, hoje se pronuncia como *ão*. Antes de um traço de união, faço uso do til, v. g. em *nõ-no* (= não o), *sẽ-na* (= sem a, v. 290), *ẽ-no* (= no, v. 149). As graphias mais communs dos codices são *nono*, *sena* etc.; mas encontram-se a miudo outras, v. g. *quen no*, *nonno*, *cõ no*, *razoãno*, *se no* (**V** 316, 4; 1038, 4; 1133, 2; 1038, 20; 856, 2). Quanto á nasalidade da vogal que precede o *n* em todos estes exemplos e outros semelhantes, ella está fóra de duvida: sirva de prova **V** 253, 6—7, onde *ben* rima com *quẽ-*, ao qual se segue *no* no verso seguinte; e se **V** 922 *tẽ-no* rima com *pequeno*, é que tambem no interior da palavra era nasal a vogal que precedia uma

1) Minha opinião sobre a evolução historica das vogaes nasaes acha-se exposta e largamente fundamentada no artigo „*Die Nasalvokale im Portugiesischen*“ em *Die Neueren Sprachen* XI, 3, pag. 129—153.

2) Cf. tambem „*Zu Text und Interpret. des Canc. da Aj.*“, pag. 341—42.

3) As assonancias das cantigas parallelisticas não distinguem entre as vogaes nasaes e as outras. Ao meu ver, este genero tradicional de cantigas é originario de uma epoca ou região que desconhecia as vogaes nasaes.

consoante nasal, provam-no graphias taes como *Johāne, dāno, tēnho, dōna* (V 917, 3; 919, 10; 925, 19; 1071, 4).

C. Metrificação.

Não são poucos os problemas que a historia da arte metrica hispano-portugueza nos dá para resolver, sobre tudo no que concerne as origens da poesia peninsular. O seu primeiro periodo, que é a epoca dos trovadores, está visivelmente sob a acção de influencias que se combattem : a da metrica provençal, que tanto se faz sentir no fragmentario tratado de poetica conservado no Canc. Colocci-Brancuti, e a duma arte lyrica popular da Peninsula, cujos documentos mais preciosos são os cantos parallelisticos[1]) com suas rimas de preferencia graves. Hoje ainda é impossivel discriminar exactamente os effeitos dessas influencias diversas : o trabalho a fazer parece-me ser por emquanto puramente estatistico.

O axioma de que parto é a perfeita regularidade da versificação nas obras dos trovadores. O rigor na contagem das syllabas; os mil artificios metricos; a perfeição das rimas, maior então do que hoje; a propria monotonia destas rimas incessantemente repetidas, monotonia sem duvida intencional e particularmente notavel nas cantigas d'amor : tudo demonstra o poder de uma tradição bem estabelecida e que confirmam as frequentes allusões á observação ou transgressão das regras da arte (cf. v. 750 e 854).

1. Os versos.

Não existindo até agora uma terminologia isenta de ambiguidade, designo aqui uniformemente todos os versos pelo numero de syllabas rigorosamente contadas, incluindo, nos versos graves, a que se segue á ultima tonica. Chamo, por exemplo, *hendecassyllabo grave* ao v. 105 : *a bõa dona por que eu trobava; decassyllabo agudo* ao v. 106 : *e que non dava nulha ren por mí;* e *decassyllabo grave* ao v. 496 : *El disse ja que por mí trobava.* Esta denominação está de accordo com a praxe geral dos trovadores, que occasionalmente substituem um verso da segunda especie por um verso da terceira[2]). Assim vemos o nosso poeta empregar, nos versos 1° e 4° do n° 36, um octossyllabo agudo em lugar do octossyllabo grave das outras estrophes, e, no verso 5° da mesma cantiga, um decassyllabo agudo em vez dum decassyllabo grave. É muito instructiva, a esse respeito, a cantiga

1) Vejam-se os exemplos no **A** II, pag. 928—29, e no **CD** os n°s 89 a 94, 113 e 116. Cf. tambem sobre estes e outros pontos da antiga arte metrica C. Michaëlis no *Grundriss* II, 2, pag. 195—199.

2) A respeito desta particularidade da antiga metrica portugueza leia-se o artigo de Mussafia nos *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse*, vol. 123, secção X.

V 1007, na qual alternam hendecassyllabos graves com decassyllabos, sendo estes ultimos agudos nos versos 2º e 3º da primeira estrophe e 5º e 6º das outras duas, porem graves nos versos 5º e 6º da primeira e 2º e 3º das mais. Muito mais rara é nos Cancioneiros a troca de um octossyllabo agudo por um enneassyllabo grave, ou de um decassyllabo agudo por um hendecassyllabo grave. Joan de Guilhade, sim, offerece dois exemplos desta ultima irregularidade: são os v. 410 e 411, onde os decassyllabos occupam o lugar de hendecassyllabos, e os v. 603 e 604, onde se verifica a troca inversa. Comtudo, não é impossivel que os culpados sejam ahi os copistas, pois era facil evitar a irregularidade substituindo, no primeiro caso, *falou* e *queyxou* por *falara* e *queyxara*, e no segundo, *fezesse* e *desse* por *fezer* e *der*.

Eis a lista dos versos differentes empregados nas cantigas aqui impressas, na ordem de sua frequencia:

1º. o *decassyllabo agudo*, verso de 10 syllabas, com accento fixo na 10ª e, na grande maioria dos casos, com outro accento na 4ª e cesura [1]), embora fraca, depois da 4ª ou 5ª;

2º. o *octossyllabo agudo*, verso de 8 syllabas, com accento fixo na 8ª, recahindo, na quasi metade dos casos, outro accento na 4ª;

3º. o *octossyllabo grave*, verso de 8 syllabas, com accento fixo na 7ª e outro, na metade dos casos, na 4ª;

4º. o *hendecassyllabo grave*, verso de 11 syllabas, com accento fixo na 10ª e, na grande maioria dos casos, com outro accento na 4ª e cesura depois da 4ª ou 5ª;

Nota. Parecem ser de estructura especial os hendecassyllabos graves da cantiga 28, accentuados na 10ª e na 3ª ou 4ª syllaba e com cesura fixa depois da 4ª, ficando assim divididos em duas partes, a ultima das quaes é de 7 syllabas como os versos com que estes hendecassyllabos alternam e rimam.

5º. o *decassyllabo grave*, verso de 10 syllabas, com accento fixo na 9ª e, na grande maioria dos casos, com outro accento na 4ª e cesura depois da 4ª ou 5ª;

6º. o *hendecassyllabo agudo*, verso de 11 syllabas, com accentos fixos na 5ª e na 11ª e com cesura bem distinta depois da 6ª ou, mais raramente, a 5ª;

Nota. São de estructura differente os hendecassyllabos do estribilho da cantiga 26, pois têm accentos na syllabas 3ª, 6ª, 9ª e 11ª. Os do estribilho da cantiga 16, se é que são hendecassyllabos, têm accentos na 4ª, 8ª e 11ª e cesura depois de 4ª; parece, porem, mais provavel que sejam decassyllabos agudos: veja-se minha nota no commentario critico.

7º, o *heptassyllabo agudo*, verso de 7 syllabas, com accento fixo na 7ª e outro, as mais das vezes, na 2ª ou 3ª;

1) Sirvo-me dêste termo da metrica latina para designar aqui uma pausa no interior do verso.

8º. o *heptassyllabo grave*, verso de 7 syllabas, com accento fixo na 6ª e outro na 3ª ou 4ª.

Só existem em dois exemplos os seguintes versos:

9º. o *pentassyllabo grave*, verso de 5 syllabas, com accento na 4ª;

10º. o *tetrassyllabo agudo*, verso de 4 syllabas, com accento na 4ª;

11º. o *trissyllabo agudo*, verso de 3 syllabas, com accento na 3ª.

Não se encontram senão em um exemplo só:

12º. o *dodecassyllabo grave*, verso de 12 syllabas, com accentos nas syllabas 2ª, 5ª, 8ª e 11ª;

13º. o *hexassyllabo agudo*, verso de 6 syllabas, com accento na 6ª.

Dêstes versos, servem por si sós para formar estrophes: o decassyllabo agudo (nos 9, 13, 15, 18, 29, 32, 33, 35, 37 a 39, 46 [, 54][1])), os octossyllabos agudo (nos 1 a 5, 7, 8, 17, 25, 40, 47, 48) e grave (nos 19, 20, 22, 24, 45: nesta ultima cantiga foi precisa uma emenda no verso 3º para obter a regularidade metrica), o hendecassyllabo agudo (nº 14) e o grave (nº 21, se sanarmos a irregularidade dos v. 410 e 411, segundo ficou indicado na pag. 11). Na cantiga 16 temos hendecassyllabos graves e um estribilho de hendecassyllabos agudos, salvo no caso de emenda, sendo então estes ultimos reduzidos a decassyllabos.

O estribilho tem versos differentes do resto da estrophe nas cantigas seguintes: nº 27, octossyllabos agudos + decassyllabos graves; nos 30, 41 e 34, octossyllabos graves + um trissyllabo ou um tetrassyllabo agudos, ou tetrassyllabos entremeados de um trissyllabo; nos 23, 50 e 11, decassyllabos agudos + decassyllabos graves, ou hendecassyllabos graves; nos 26 e 42, decassyllabos graves + hendecassyllabos agudos (da estructura especial mencionada em nota), ou um hexassyllabo agudo; nº 44, hendecassyllabos graves + um dodecassyllabo grave; nº 49, heptasyllabos agudos + pentassyllabos graves (eliminei por emenda as irregularidades que havia no estribilho).

De versos differentes usados no corpo da estrophe ha os seguintes exemplos: nº 36, quatro octossyllabos e um decassyllabo do corpo da estrophe combinam-se com um decassyllabo e um octossyllabo do estribilho, sendo agudos os versos do estribilho, e graves os da estrophe, excepto os versos 1º, 4º e 5º da primeira estrophe; [nº 56, octossyllabos graves são entremeados de heptassyllabos agudos, e a estrophe remata com um estribilho formado de heptassyllabos agudos;] nº 6, [nº 55] e nos 10, 12, 31 (onde convem emendar os v. 603 e 604, segundo ficou indicado na pag. 11), 43 e 51 a 53, decassyllabos agudos differentemente entremeados de hendecassyllabos graves; nº 28, hendecassyllabos graves de estructura especial alternam com heptassyllabos graves.

1) Os exemplos incluidos em [] são de cantigas que não pertencem a Guilhade, ou cujo autor é incerto.

2. As estrophes.

Chamavam-se *cantigas de mestria (meestria, maestria)* as que não tinham estribilho, e, segundo parece, eram tidas em mais alto apreço pelos juizes da arte do que as *cantigas de refran*. Nos cantares de cunho popular não falta nunca o *refran* ou estribilho. Dava-se o nome de *finda* (*fĩinda, fĩida*) a uma especie de epilogo que se segue á ultima estrophe, tendo um numero de versos sempre menor que ella e repetindo, as mais das vezes, rimas da ultima, ou de varias estrophes, ou de todas.

Eis aqui a lista das estrophes differentes.

I. Estrophes sem estribilho.

a) de 5 versos:

1ª. $11\overset{*}{a}\ 11\overset{*}{b}\ 11\overset{*}{b}\ 11\overset{*}{a}\ 11\overset{*}{a}$[1]). Nº 21: 3 estrophes[2]); rimas *ia ou* (? ou *ara*?), *isse isa, ade õas.*

b) de 6 versos:

2ª. $11\overset{*}{a}\ 10b\ 11\overset{*}{a}\ 10b\ 10b\ 11\overset{*}{a}$ com finda $10b\ 11\overset{*}{a}$. Nº 6: 3 estrophes; rimas *ava í.*

3ª. *11 a 11 b 11 a 11 b 11 c 11 c.* Nº 14: 3 estrophes; rimas *ar ey ar, on êr êr, á êr en.* Como se vê, $c = a$ na primeira estrophe, $c = b$ na segunda; na terceira, *c* apresenta rima identica (*alguen : alguen*), comtanto que não haja êrro de copista.

c) de 7 versos:

4ª. *8 a 8 b 8 b 8 a 8 c 8 c 8 a.* Nºs 5, 40 e 47: 3 estrophes; rimas (5) *í éus êr, éu en ey, ey on ar,* (40) *ir ar en, ir ar en, ôr êr on,* (47) *í on ér, á en í, éu ôr az.* Nº 17: 3 estrophes com finda $8\,c_2\ 8\,c_2\ 8\,a_3$[3]), rimas *á en êr, í ey on, ér éus en.* Nº 48: 3 estrophes com finda *8 d 8 d* $8\,a_1$; rimas *al en í, ar en ôr, ar êr ôr, on.* O primeiro e o ultimo verso de cada estrophe têm rima identica.

5ª. *10 a 10 b 10 b 10 a 10 c 10 c 10 a.* Nº 46: 3 estrophes; rimas *êr ey an, ér êr ar, ês ar ós.* Nº 35: 3 estrophes com finda $10\,b_1\ 10b_1\ 10a_3$ $(= a_1)$; rimas *êr on ôr, ôr al ér, êr ar en.* Nº 39: 3 estrophes com finda $10b_2\ 10b_2\ 10c_1$ $(= b_1)$; rimas *ar (: al*[4])*) on êr, ir í ar, on ôr ey.* A tenção nº 37: 4 estrophes e 2 findas, pertencendo alternadamente uma estrophe ou uma finda a cada um dos dois poetas. Segundo as regras, deveria haver rigorosa correspondencia entre as rimas de cada duas estrophes; mas o inter-

1) Os algarismos designam o numero de syllabas de cada verso, as letras iguaes as rimas — menos o *x*, que nota falta de rima —, os asteriscos denotam versos graves, as letras maiusculas o estribilho.

2) Na 1ª estrophe $11\overset{*}{a}\ 10b\ 10b\ 11\overset{*}{a}\ 11\overset{*}{a}$, se não emendarmos os v. 410 e 411.

3) c_2 = rima *c* da 2ª estrophe, a_3 = rima *a* da 3ª estrophe.

4) Entre as raras rimas imperfeitas dos Cancioneiros, a rima *ar : al* é a mais commum. Veja-se mais abaixo, pag. 16, nota 1.

locutor de Guilhade dispensa-se de observar esta regra quanto á rima *c*. Assim tambem, a finda de Guilhade segue o eschema $10c_3$ $10c_3$ $10a_3$ $(=a_4)$, a de seu interlocutor, porem, o seguinte: *10d 10d* $10a_3$. As rimas da tenção são *ôr ar ey* ∾ *ôr ar êr, ar êr ey* ∾ *ar êr é, ey ar* ∾ *on ar.*

6ª. *10a 10b 10b 10a 10c 10c 10b.* A tenção nº 38: 4 estrophes com a correspondencia regular das rimas e 2 findas $10c_4$ $(=c_3)$ $10c_4$ $10b_4$ $(=b_3)$; rimas *ar êr í, á ér ey.*

7ª. $11\overset{*}{a}$ *10b 10b* $11\overset{*}{a}$ *10c 10c* $11\overset{*}{a}$. Sempre 3 estrophes. Com finda $10c_3$ $10c_3$ $11\overset{*}{a}_3$: nos 10 e 43; rimas (10) *ésse êr í* — v. 1 e 7 têm rima identica —, *ia en ôr, ia ôr êr,* (43) *adas êr í, adas ey êr, adas í ey.* Com finda $10b_1$ $10b_1$ $11\overset{*}{a}_3$: nos 31[1]) e 51; rimas (31) *ándan en ey, igo al ésse* (? ou *ér*?), *ida ér ôr* — *a* sempre rima identica —, (51) *êdes on êr, êdes ar on, êdes í ér.* Com finda $10c_1$ $(=b_2)$ $10c_1$ $11\overset{*}{a}_3$: nº 53; rimas *êdes ér ar, eyra ar êr, ua* (:*ũa*)[2]) *in an.* Com finda *10d 10d* $11\overset{*}{a}_3$ $(=\overset{*}{a}_2=\overset{*}{a}_1)$: nos 12 e 52; rimas (12) *ia êr en, ia êr en, ia êr êr, ar,* (52) *ia on êu, ia ar êz, ia ar ôr, en.*

II. Estrophes com estribilho.

a) O estribilho consta de um só verso, que não rima.

α) 2 versos + estribilho:

8ª. $8\overset{*}{a}$ $8\overset{*}{a}$ *4 B.* Nº 41: 3 estrophes: rimas *ousa, endo, êdes*; estribilho *ér.*

9ª. $10\overset{*}{a}$ $10\overset{*}{a}$ *6 B.* Nº 42: 3 estrophes; rimas *ia, ejo, ente*; *al.*

β) 3 versos + estribilho:

10ª. $11\overset{*}{a}$ $11\overset{*}{a}$ $11\overset{*}{a}$ *12* $B\overset{*}{}$. Nº 44: 3 estrophes; rimas *ia, igo, ão*; *outo.*

γ) 4 versos + estribilho:

11ª. $8\overset{*}{a}$ $8\overset{*}{b}$ $8\overset{*}{b}$ $8\overset{*}{a}$ $8\overset{*}{B}$. Nº 45: 3 estrophes; rimas *ia ome, asso ando, eyto, ôso*; *ávan.*

δ) 5 versos + estribilho. O facto de ser repetido o verso do estribilho com ligeira variação (nº 34) ou sem ella (nº 7) não altera essencialmente a estructura da estrophe.

12ª. *8a 8b 8b 8a 8a 8C.* Nº 7: 3 estrophes com finda $8a_3$ $8a_3$; rimas *êr en, ey é, ar í*; *éu.*

13ª. $8\overset{*}{a}$ $8\overset{*}{b}$ $8\overset{*}{b}$ $8\overset{*}{a}$ $8\overset{*}{a}$ *4C.* Nº 34: 3 estrophes; rimas *udo igo, ado ia, ade endo*; *á.*

---

1) Na 2ª estrophe $11\overset{*}{a}$ *10b 10b* $11\overset{*}{a}$ $11\overset{*}{c}$ $11\overset{*}{c}$ $11\overset{*}{a}$, se não emendarmos os v. 603 e 604.

2) Rima imperfeita: veja-se mais abaixo, pag. 16, nota 1ª.

14ª. *8a* *8b* *8b* *8a* *8a* *3C*. Nº 30: 3 estrophes com finda *8d* *3C* *8d* *3C*; rimas *igo éstes, ôres émos, ia ura, ôda; ou.*

b) O estribilho consta de 2 versos finaes, que rimam entre si.

a) 4 versos + estribilho:

[15ª. *8a* *7b* *8a* *7b* *7C* *7C*. Nº 56: 3 estrophes: rimas *igo êr, eyto en, ito ey; êz.* As rimas *a* e *C* são identicas].

16ª. *8a* *8b* *8a* *8b* *8C* *8C*. Nº 22: 3 estrophes; rimas *oyta ada, oyta ejo, oyta ilha; igo.* A rima *a* é identica em todas as estrophes.

17ª. *8x* *8b* *8x* *8b* *8C* *8C*. Nº 24: 2 estrophes; rimas *igo, ado; êmos.* A rima *C* é identica.

18ª. *8a 8b 8b 8a 8C 8C*. Nº 2: 4 estrophes; rimas *an êr, ey é, êr en, al í; í*; a rima *C* é identica. Nºs 3 e 25: 3 estrophes; rimas (3) *ar ey, á on, êr á; í,* (25) *ôr en, êr í, ér í; on.* Nº 1: 3 estrophes com finda *8C 8C*; rimas *éus on, ey en, ôr ar; í*; a rima *C* é identica.

19ª. *8a 8b 8b 8a 8C 8C*. Nº 23: 3 estrophes; rimas *en ou, on ey, éus êr; ia.*

20ª. *8a* *8b* *8b* *8a* *8C* *8C*. Nºs 19 e 20: 3 estrophes: rimas (19) *igo ano, ouca aça, ade iga; eyto,* (20) *igo inta, êdes ões, ousa ades; inga.*

21ª. *8a 8b 8b 8a 10C 10C*. Nº 27: 4 estrophes; rimas *êr en, í ar, ey é, ou ar; ôda.*

22ª. *10a 10b 10b 10a 10C 10C*. Nºs 15, 32, 33 [, 54]: 3 estrophes; rimas (15) *êr en, ar í, êu on; ou,* (32) *í ar, ôr êr, an ôr; ey,* (33) *ar on, í on, éu en; êz* [(54) *ey en, ar al, é í; êr*]. Nºs 9, 13, 18 e 29: 3 estrophes com finda *10C 10C;* rimas (9) *á en, í ôr, on ar*; *êr,* (13) *ey éus, êr í, ôr al; on,* (18) *ar êz, an on, êr ér; en,* (29) *í en, ar is, á ôr; êr.* O nº 9 tem a rima *a* identica em cada estrophe, 9 e 18 repetem a palavra final do ultimo verso, 13 a do primeiro verso do estribilho no primeiro verso da finda.

23ª. *10a 10b 10b 10a 11C 11C*. Nº 11: 3 estrophes; rimas *an ôr, êr on, en éus*; *êen.* A rima *C* é identica.

24ª. *11a* *7b* *11b* *7a* *11C* *7C*. Nº 28: 3 estrophes; rimas *igo éra, ia ado, ido ando; isse.*

25ª. *11a* *11b* *11b* *11a* *11 C 11 C* ou antes, talvez[1]), *10 C 10 C*. Nº 16: 3 estrophes; rimas *igo ado, ia eyro, ade ado; en.* A rima *C* é identica.

---

1) Veja-se meu commentario critico.

β) 5 versos + estribilho:

26ª. *8 a 8 b 8 b 8 a 8 a 8 C 8 C.* Nos 4 e 8 : 3 estrophes; rimas (4) *êr en, êz í, on ey; ôr*, (8) *ôr ey, ir éus, en on; êr.*

27ª. *8 $\overset{*}{a}$ (a) 8 $\overset{*}{b}$ 8 $\overset{*}{b}$ 8 $\overset{*}{a}$ (a) 10 $\overset{*}{a}$ (a) 10 C 8 C.* Nº 36: 3 estrophes; rimas *ar igo, udo ade, ésse ia; an.*

[c) O estribilho consta de 2 versos, que rimam com versos anteriores, soffrendo variações quando varía a rima : 4 versos + estribilho.

28ª. *10 a 10 b 10 b 11 $\overset{*}{c}$ 10 A 11 $\overset{*}{C}$.* Nº 55 : 3 estrophes; rimas *on í igo, ôr êz igo, en êr igo.*]

d) O estribilho consta de 2 versos, um dos quaes se acha intercalado entre os outros versos da estrophe : 3 versos + 1º estribilho + 1 verso + 2º estribilho.

29ª. *7 a 7 a 7 a 5 $\overset{*}{B}$ 7 a 5 $\overset{*}{B}$.* Nº 49 : 3 estrophes; rimas *êu, ou, ar (: al)*[1]; *éva (: érva)*[1].

30ª. *10 a 10 a 10 a 10 $\overset{*}{B}$ 10 a 10 $\overset{*}{B}$.* Nº 50 : 3 estrophes; rimas *ar, on, ey; ia.*

31ª. *10 $\overset{*}{a}$ 10 $\overset{*}{a}$ 10 $\overset{*}{a}$ 11 B 10 $\overset{*}{a}$ 11 B.* Nº 26 : 3 estrophes; rimas *ia, ava, ando; í.*

3. Ligação das estrophes entre si.

Os trovadores dispunham de muitos expedientes para ligar entre si as estrophes de uma cantiga, auxiliando assim a memoria de quem a recitasse ou cantasse. D'entre estes expedientes, as rimas occupam um lugar proeminente e serão sós estudadas aqui : quanto ás cantigas *atafĩdas* (cujas estrophes são todas syntacticamente unidas *atá a fĩda* = até o fim), ao *dobre* (ou repetição da mesma palavra em lugares determinados de uma estrophe ou de todas)[2]) e sua variedade, o *mordobre*[3]), de que fala o antigo tradado de poetica no titulo 4º, capˢ. 3, 5 e 6, será preciso juntar

1) Temos aqui dois exemplos dessas rimas imperfeitas que cá e lá occorrem nas cantigas de escarneo e maldizer. Cf. pag. 13, nota 4, e pag. 14, n. 2, e pag. 17, n. 1.

2) *Dobre* parece ser substantivo verbal derivado de *dobrar* (= redobrar). O leitor encontra um exemplo no nº 5, nos primeiros dois versos de cada estrophe.

3) Não sei se é esta a lição verdadeira. O termo se encontra em dois lugares: **B**, pag. 5, l. 155, está *Moz dob˜*; l. 158, *mor dobẽ*. A segunda parte da palavra composta deve ser *dobre*; mas a primeira? Ao *mór* moderno corresponde *moor* na lingua dos trovadores, e o nome não quadra bem com a significação do termo, que é „repetição da mesma palavra, variando a fórma.“ Encontra-se um exemplo dêste artificio no nº 5, no ultimo verso (ou nos ultimos dois) de cada estrophe, e outro no nº 6, no ultimo verso de cada estrophe e nos dois da finda. No 1º exemplo joga-se com o verbo *veer*, no 2º com os verbos *dar, andar, aver* e *buscar*.

materiaes mais amplos antes que se possa entrar em seu estudo. No emprêgo das rimas para ligar as estrophes distinguimos os casos seguintes.

I. Rimas iguaes nos lugares correspondentes de todas as estrophes.

a) Todas as rimas da 1ª estrophe se repetem nas outras ("estrophes equiconsoantes"). Nº 6 : *a*, *b*, *c* iguaes nas 3 estrophes e a finda.

b) Duas rimas são repetidas. Nº 12 : *a*, *b* iguaes nas 3 estrophes e a finda; *c*, igual nas 2 primeiras, varía na 3ª e na finda (veja-se mais adiante, sob II, b).

c) Uma rima é repetida.

α) Nº 22, com estribilho : *a* igual nas 3 estrophes, *b* varía.

β) Nº 43 : *a* igual nas 3 estrophes e a finda, $b_1 = c_2$, $c_1 = b_3$, $b_2 = c_3$.

γ) Nº 48 : *a* igual nas 3 estrophes e a finda (porem com rima imperfeita, *ar* : *al*[1]), $b_1 = b_2$, $c_2 = c_3$, o resto varía.

δ) Nº 51 : *a* igual nas 3 estrophes e a finda, $b_1 = c_2$, o resto varía.

ε) Nº 52 : *a* igual nas 3 estrophes e a finda, $b_2 = b_3$, o resto varía.

II. Rimas iguaes nos lugares correspondentes de cada par de estrophes.

a) É o que se nota, em primeiro lugar, nas tenções, cujas estrophes eram compostas alternadamente por um dos dois contendentes.

α) Em regra geral, a correspondencia é completa entre as rimas de cada duas estrophes, e findas se as houver. Nº 38 : *a*, *b*, *c* são iguaes respectivamente na 1ª e 2ª estrophes, assim como na 3ª, 4ª e as 2 findas.

β) Excepcionalmente, só duas rimas se correspondem, variando a terceira. Nº 37 : *a*, *b* iguaes na 1ª e 2ª estrophes, assim como na 3ª, a 4ª e as 2 findas; alem disso, $c_1 = c_3$, $b_1 = a_3$, $c_2 = b_3$.

b) Em muitas cantigas dos Cancioneiros, sendo impar o numero das estrophes, a ultima está isolada, formando as outras um, ou mais pares de estrophes ligadas pelas rimas. Não me parece improvavel que haja nisto imitação de cantos populares alternativos e rematados pelo canto do côro inteiro. Ha os casos seguintes (um caso semelhante já o encontrámos mais acima, sob I, b):

α) Todas as rimas são iguaes, respectivamente, num par de estrophes, variando na 3ª. Nº 40 : *a*, *b*, *c* iguaes.

1) Veja-se pag. 16, nota 1.

β) Só uma rima é repetida. Nº 33, com estribilho: $b_1 = b_2$; a, c e todas as rimas da 3ª estrophe variam. A palavra *razon* se repete na rima.

III. Rimas repetidas sem regra fixa.

Muitas vezes, é impossivel distinguir aqui o que é intencional do que é devido ao acaso. Varios exemplos já foram citados sob I, c, β; γ; δ; ε; II, a, β. Outros são:

Nº 10 : $b_1 = c_3$, $a_2 = a_3$, $c_2 = b_3$;
Nº 2, com estribilho : $b_1 = a_3$, $C = b_4$;
Nº 35 : $a_1 = a_3$, $c_1 = a_2$;
Nº 46 : $a_1 = b_2$, $c_2 = b_3$;
Nº 5 : $c_2 = a_3$;
Nº 17 : $b_1 = c_3$;
Nº 32, com estribilho : $a_2 = b_3$;
Nº 47 : $a_1 = c_2$;
Nº 53 : $c_1 = b_2$.

IV. Rimas semelhantes, sem serem iguaes.

Está fóra de duvida que a semelhança das rimas era um artificio conscientemente empregado pelos trovadores para ligar as estrophes : sirva de prova a cantiga V 1194, onde, nos lugares correspondentes de cada par de estrophes, encontramos as rimas *êr en ar* e *ôr on ir*. Todavia, é difficil estabelecer ahi normas fixas e, mais ainda que no ultimo caso mencionado, eliminar o que é devido ao simples acaso, o qual devia fazer um papel importante, pois é limitado nas cantigas d'amor o numero das rimas, predominando grandemente entre ellas as rimas agudas.

Citarei apenas alguns exemplos em que se torna manifesta a intenção consciente do poeta.

Nº 40 : ás rimas *ir ar en* das 2 primeiras estrophes correspondem *ôr êr on* na 3ª.

Nº 25, com estribilho : a rima *a* é em *ôr* na 1ª estrophe, em *êr* na 2ª, em *ér* na 3ª.

Nº 11, com estribilho : as rimas são em *an, on, en, ôr, êr* (e *éus*).

Nº 35 : as rimas são em *êr, ôr, ér, ar, al, en, on.*

Nº 53 : as rimas *b* e *c* são em *ér* e *ar* na 1ª, em *ar* e *êr* na 2ª estrophe, a 3ª differe (cf. mais acima, sob II, b).

Nº 48 : as rimas são em *en, on, ar* (*al*), *êr, ôr* (e *í*).

Nº 32, com estribilho : ha rimas em *ar, êr* e *ôr.*

Cantigas

de

D. Joan Garcia de Guilhade.

Cantigas d' amor.

1.

Quexey-m' eu d' estes olhos meus;
mays ora (se Deus mi perdon!)
quero-lhis ben de coraçon,
e des oy mays quer' amar Deus;
ca mi mostrou quen oj' eu vi:
ay! que parecer oj' eu vi!

Sempre m' eu d' amor queyxarey,
ca sempre mi d' ele mal ven;
mays os meus olhos quer' eu ben,
e ja sempre Deus amarey;
ca mi mostrou quen oj' eu vi:
ay! que parecer oj' eu vi!

E muy gran queyxum' ey d' amor,
ca sempre mi coyta sol dar;
mays os meus olhos quer' amar,
e quer' amar Nostro Senhor;
ca mi mostrou quen oj' eu vi:
ay! que parecer oj' eu vi!

E, se cedo non vir quen vi,
cedo morrerey por quen vi.

I. V 28. — 1 *Quexeumouuz destes olli*9 *meus;* Mich. *Queixum' òuvi dos olhos meus.* Parece-me certo que *Quexeumouuz* é devido ao engano do copista italiano que tinha diante de si *Quexeymeuus;* mas, visto *Quexey-me-vos d'estes olhos meus* dar uma syllaba demais e *vos* ser palavra desnecessaria para o sentido, presumo que a lição primaria foi *Quexeymeu,* um traço qualquer que por acaso se achava atraz do *u,* podendo ser interpretado como a sigla 9 por algum copista — 3 *coraçon* Mich] *cora con* — 7 *q̄rearey.* O copista leu *r* em vez de *i,* e *e* em vez de *x,* exactamente como **V** 25, 16; 282, 1; 603, 9 — 9 e 15 *os* Mich] *e*9 — 10 *đs* — 11—12 *Cami* está no fim da linha anterior; o resto do estribilho falta — 17—18 *cami mo* no fim da linha anterior; o resto do estribilho falta — 20 *morrerey* Mon] *mouerey.*

II. 2. *mi* (< *mihi*), fórma átona com funcção de dativo, veio depois a ser substituida pela outra fórma átona *me* (< *mĕ*), que nos Cancioneiros já começa a cumular as funcções de accusativo e dativo; cf. v. 21; 100; 173; 198; 231; 259; 301; 395; 1125.

O subj. pres. *perdon*, bem como *pês*, *empar* e outros, estão de accôrdo com as leis phoneticas; os modernos *perdôe*, *pese*, *ampare* são devidos á analogia de verbos cujo radical não terminou em *n*, *s* ou *r*. Fórmas analogicas já se encontram nos Cancioneiros: *pese* **V** 585, 1; *ouse* **V** 479, 7; *melhore* **B** 37, 28; e assim tambem *faze* (< *facit*) **V** 1136, 6 e *praze* (< *placet*) **A** 161, 12; **B** 322, 2 e 5.

4. *des oy mays* ou *oy mays* = d'aqui em diante. *Des* < *de ex*; o moderno *desde* contém, pois, duas vezes a preposição *de*. *Oy* < *hodie* em posição antetónica; é raro *oje mays*: v. 344.

8. *ele* é menos usado que *el* (fórma esta que se desenvolveu provavelmente em posição antetonica); cf. v. 202.

9. *Querer ben* póde reger objecto indirecto (é o primitivo) ou directo (seguindo então a analogia de *amar*). Cf. v. 127; 331; 933; 946. *Querer mal*, igualmente: cf. v. 945.

10. *ja* serve para reforçar *sempre* e, tambem, *nunca*. Cf. v. 100; 202; 225.

13. *aver* tem todas as accepções do moderno *ter*.

14. *sol* < *solet*; a fórma analogica *sóe* não se encontra ainda nos Cancioneiros. *coyta* (< *cocta*) = pesar, afflicção, dôr, é uma das palavras mais usadas nos Cancioneiros. D'ahi *coytar*, d'onde *coytado*. Cf. v. 163.

16. *nostro* se usa sempre em *Nostro Senhor*; em quaesquer outras expressões usa-se *nosso* como hoje.

2.

Que muytos me preguntarán,
quando m' ora viren morrer,
por que moyr'! e quer' eu dizer
quanto x' ende poys saberán:
moyr' eu, porque non vej' aquí
a dona que non vej' aquí.

E preguntar-m'an, eu ó sey,
da dona que diga qual é,
e juro-vos per bõa fe
que nunca lhis eu mays direy:
moyr' eu, porque non vej' aqui
a dona que non vej' aquí.

E dirán-mi que parecer
viron aquí donas muy ben,
e direy-vo-lhis eu por en
quanto m' ora oistes dizer:
moyr' eu, porque non vej' aquí
a dona que non vej' aquí.

E non digu' eu das outras mal
nen ben, nen sol non falo i;
mays, poys vejo que moyr' assí,
digu' est', e nunca direy al:
moyr' eu, porque non vej' aquí
a dona que non vej' aquí.

I. **V** 29 (= **a**), **V** 38 (= **b**) e v. 15 a 24 **A** 228. — 1 falta em **a** — 2—6 **b** dispõe estes versos em quatro linhas, terminando a 1ª em *por* $\bar{q}$, a 2ª em $\bar{q}$*ntoxende*, a 3ª em *poir* $\bar{q}$ *nō ueia* — 2 **a** *moirer*, **b** *morer* — 3 **b** *moyro e* $\bar{q}$*rora* — 4 **a** *quanto rende* — **b** *saleran* — 9 **a** *boā*, **b** *boa* — 10 **b** *nū calhis er*9 — 11 **a** *moiren* — **b** *ueia* / q^i — 12 falta em **a** — 13—18 estão distribuidos em **b** por quatro linhas: termina a 1ª em *aq* (em vez de *aq*^{i}), a 2ª em *di reyuolhis*, a 3ª em *moyreu* — 14 *aquí]* **a** *ad* — *ben]* **b** *bam* — 15 **a** *edireyuolhes*, **A** *e direi-vo'-lhes* — 16 **a** $\bar{q}$ *comora*, **A** *quanto mi-or*(*a*) — **b** *dis'* — 18 falta em **a** — 19—24 estão distribuidos em **b** por quatro linhas: a 1ª termina em *bem*, a 2ª em *ueio*, a 3ª em *estonum* — 20 **A** *falo i*, **a** *fali*, **b** *faly* — 21 *poys]* **b** *pois* $\bar{q}$ — 22 **b** *digo estonum* / *ea* — 23—24 **a** *moyreu p*^{r} $\bar{q}$ no fim da linha precedente; o resto do estribilho falta — 24 falta em **b**.

II. 21—23 = Quantos me perguntarão . . . porque é que morro!

23. *moyr'*. O presente dêste verbo se conjuga assim: *moyro, morres, morre, morremos, morredes, morren*; *moyra, moyras, moyra, moyramos, moyrades, moyran*.

24. *x', xi, xe, s', si, se* são as fórmas do „dativus commodi", mais ou menos pleonastico, do reflexivo da 3ª pessoa. As da 1ª são *mi, me, m', mh-*; *nos*, e as da 2ª *ti, te, t', chi, che, ch'*; *vos*. Cf. v. 51; 132; 188; 231; 269; 339; 395; 770; 1049; 1102.

ende (< *ĭnde*) e *en* (fórma primitivamente antetonica) se empregam indifferentemente antes de consoante; antes de vogal, a unica fórma parece ser *end'*; significam „de lá, d'isso, d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas", e referem-se tanto a pessoas como a coisas. Cf. v. 35 e 66; 421.

33. *parecer ben* = ter um exterior bonito; *o parecer* (v. 6) = o exterior, semblante.

35. *vo*(*s*) é dativo ethico.

por en (por end', por ende) = por isso.

36. *oistes*. Parece que antigamente o radical dêste verbo não era *ouv-* senão quando tinha accento tonico: *ouves, ouve*, porem *oir*. Assim tambem *loar* (< *laudare*), porem *louvo, louvas*. Cf. v. 120; 324; 353; 730; 731; 759; 808; 857; 858; 1030; 1037; 1039.

40. *sol* é o adverbio de *soo* (= só). Ambos < *sōlum*, sendo *sol* provavelmente a fórma antetonica. *Sol non* = nem sequer, absolutamente não.

i (< *ibi*) tem todas as accepções do *y* francez.

42. *est'* = *esto*. Ao lado de *esto, aquesto, esso, aquelo, todo* são muito raras as fórmas *isto* (**V** 1041, 12, rima com *Antecristo*), *aquisto* (**A** 210, 4), *tudo* (v. 711; 812).

al (< *alĭd*, = outra coisa), muito usado nos Cancioneiros.

3.

Amigos, non poss' eu negar
a gran coyta que d' amor ey,
ca me vejo sandeu andar,
e con sandece o direy:
os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assí.

Pero quen quer x' entenderá
aquestes olhos quaes son,
e d' est' alguen se queyxará;
mays eu ja quer moyra quer non:
os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assí.

Pero non devia a perder
ome que ja o sen non á
de con sandece ren dizer,
e con sandece digu' eu ja:
os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assí.

I. **V** 30 e **A** 229. — 1 **V** *Amigo* — 3 **V** *sauden* — 4 e 16 **V** *sandice* — 8 **V** *aqsios* — 12 e 18 faltam em **V** — 14 **V** *hom̃* póde ser *home* ou *homen* — *non]* **V** *o* — 15 **V** *sandico.*

II. 46. *gran*, fórma antetonica de *grande*, usada sempre antes de substantivo que começa por consoante: antes de vogal, é *grand'*. São igualmente fórmas antetonicas usadas sempre antes do substantivo, de *mao*: *mal*; de *bõo*: *bon*. As excepções são poucas: *grande* antes do substantivo **V** 208, 4; 668, 1 e 20[1]); **B** 52, 10; **A** 161, 26; *mao* **V** 366, 4; **B** 213, 2 e 5; 383, 2; **A** 38, 7; *bõo* **V** 708, 4. O caso é differente na phrase interjeccional *mao pecado!* (o mais usado é *mal pecado!*) **B** 386, 4, porque aqui *mao* póde ter funcção predicativa, bem como em *mao seu grado*, v. 664.

48. *sandece* e *sandice* se encontram nos Canc.; porem só a primeira destas fórmas é attestada pelas rimas (: *rafece* e *dece*, *merece* e outros verbos semelhantes); cf. **V** 724, 1; 1025, 22; **B** 389, 17, onde os codices escrevem *sandice*. O mesmo suffixo é attestado pelas rimas em *velhece* **V** 1025, 20, *mancebece* **CM** 389, 1 e *granadece* **CM** 288, 4.

51. *pero* (< *per hoc*) é conjuncção adversativa (= entretanto, apesar de que), ao passo que *por en* (cf. v. 35) ainda não tem este valor.

54. *ja quer moyra quer non* é oração independente (= não importa que

1) Estas duas cantigas apresentam, na metrificação e linguagem, certa semelhança que as afasta das mais cantigas d'amor. A primeira está entre os cantares de D. Denis (= **CD** LXXVI): erradamente, ao meu ver; cf. o que escrevi na *ZfRPh.* XXVII, pag. 190.

morra ou não). Cf. **V** 18, 5 *quer me queyrades se non ben quer mal*; 444, 6 *quer lhi pes quer lhi praza*; 717, 11 *quer se queyxe quer non*. Hoje semelhantes phrases só podem funccionar como clausulas incidentes.

57. *perder* = ser prejudicado.

58. *sen* = bom senso, juizo. É provavel que os trovadores tirassem esta palavra germanica do provençal ou antigo francez.

59. = por dizer alguma coisa na loucura.

4.

"Senhor, veedes-me morrer
desejando o vosso ben,
e vós non dades por en ren,
nen vos queredes en doer!"
"'"Meu amigu', en quant' eu viver,
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor."'"

"Mha senhor, por Deus que vos fez,
que me non leyxedes assí
morrer, e vós faredes i
gran mesura con muy bon prez."
" "Direy-vo-lǫ, amig', outra vez:
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor."'"

"Mha senhor, (que Deus vos perdon!)
nembre-vos quant' afan levey
por vós, ca por vós morrerey,
e forçad' esse coraçon!"
"'"Meu amig', ar direy que non:
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor."'"

I. V 31—32 e A 230. — 1 **V** *mouer* — 3 **V** *ren por en*, lição igualmente aceitavel — 4 **V** *ne uuǫ* — 5 **V** *amigneu quodeu* — 7 **A** *peor* — 8 Aqui começa em **V** o nº 32, encimado pelo nome *Joham Guilhade*. — **V** *ds* — 9 **A** *lexedes* — 10 **A** *vus* — *i]* **V** *asfy* — 12 **A** *Direi-vo'-l'* — **V** *amiga ouc̃* — Depois dêste verso, **V** repete, em lugar dos v. 6 e 7, a linha *meu amiguen quãten* (i. e *quãteu*) *uiu'* e, no fim do v. 19, *| meu amj*; **A** commette o mesmo êrro, repetindo o verso 5, porem só na 2ª estrophe — 15 **V** *ds* — 16 **V** *nẽbreeǫ* — 17 **V** *ea* — **V** *mrrerey* — **V** *efforcadesfe coracõ*, o que póde tambem estar por *e efforçad' e. c.* ou *e esforçad' e. c.*

II. 63. *veedes* é trissyllabo, quando tem força de indicativo. É, porem, muito usado *vêdes* com valor de imperativo; cf. v. 199. Do mesmo modo se distingue *vês* (v. 749) de *vees*. Das outras fórmas dêste verbo (com excepção

do perfeito e tempos derivados delle) não soffrem synérese, nos Canc. lyricos, senão o futuro e o condicional, sendo igualmente usados *veerey* e *verey*, *veeria* e *veria*. Cf. v. 96; 104; 136; 193; 290.

64. *ben* = benevolencia, favor, mercê; e = belleza, perfeição (v. 104).

69. = que seja em meu damno. *O meu* é substantivado (= meus negocios, minha situação). Cf. **V** 330, 8 *falar no vosso*; 426, 19 *perderedes no vosso*; 836, 2 *catar* (= olhar) *ao vosso*; **B** 54, 27 *po-lo vosso* (= por vossa causa); **A** 158, 21 *po-lo meu*.

70. *por Deus* = conjuro-vos por Deus; *per* (ou *par*) *Deus* = juro por Deus; cf. v. 29; 86; 375. Os sentidos de *per* (= francez *par*) e *por* (= francez *pour*) não se confundiram ainda na lingua dos trovadores.

senhor fem. A fórma analogica *senhora* ainda é muito rara nos Canc.; é attestada pelas rimas **V** 137, 24 (: *agora*); 668, 9[1]) (: *fóra*); 26, 23 (: *Çamora*).

73. *fazer mesura* = fazer prova de moderação, cortezia; *prez* = fama, reputação, honra: parece palavra de origem provençal.

muy (fórma antetonica) só se encontra antes de adjectivos, adverbios e participios, ou palavras que fazem a funcção de adjectivos ou adverbios (cf. v. 809).

78. *memorare* > *nembrar* > *lembrar*; a construcção impessoal dêste verbo é a mais usada nos Canc.

80. *forçar* = vencer, subjugar; cf. **B** 332, 18 *mha coyta forçou o sen*. Se *esse* pudesse ser = *meu*, melhor sentido daria *esforçar* (= dar força, confiança a; cf. **CM** 1, 7 *esforçada por Deus*; **V** 820, 13 *en voss' amor vos esforçades*).

81. *ar* = outra vez, ainda, mais, tambem, por outra parte; cf. v. 89; 90; 171; 173; 277; 356; 511; 517; 555; 855; 933; 1062; 1094.

5.

U m' eu partí d' u m' eu partí,
logu' eu partí aquestes meus
olhos de veer, e, par Deus,
quanto ben avia perdí;
ca meu ben tod' era en veer,
e mays vos ar quero dizer:
pero vejo, nunca ar vi.

Ca non vej' eu, pero vej' eu:
quanto vej' eu non mi val ren;
ca perdí o lume por en,
porque non vej' a quen mi deu
esta coyta que oj' eu ey,
que ja mays nunca veerey,
se non vir o parecer seu.

1) Veja-se pag. 24, nota 1.

Ca ja ceguey, quando ceguey;
de pran ceguey eu logu' enton,
e ja Deus nunca me perdon,
se ben vejo, nen se ben ey;
pero, se me Deus ajudar
e me cedo quiser tornar
u eu ben vi, ben veerey.

I. V 33 e A 231. — 1 *U m'eu* **A**] **V** *Quandeu* — 5 *era en* **V**] **A** *era* (por ventura *erã*, i. e. *era' n?*) — 8 **V** *epo* — 9 e 11 **A** *me* — 10 **V** *eu* — 11 **V** *por* $\overline{q}$ *negaq̃ mi de* — 14 *o* **A**] **V** *e* — 17 **V** *đs* — 19 **V** *đs quidar.*

II. 84. *u* (< *ubi*) = onde, e = quando.

partir-se = apartar-se, separar-se; *partir* (v. 85) = apartar, privar. As accepções primitivas do vocabulo são „repartir" e „apartar." A construcção intransitiva de *partir* resultou da reflexiva; nos Canc. ha dois exemplos daquella nas cantigas de D. Affonso X: **B** 361, 31—32 *per ren* (= de nenhum modo) *partir de vos muyt' amar non posso;* **CM** 206, 6 *poy-lo viron partir de preegar.*

88. *ca* (< *quia* em posição átona) = porque.

92. *val*, a fórma normal, pelas leis phoneticas, é a unica que se encontra nos Canc.

99. *de pran* = claramente, seguramente, por certo; é raro *a pran* (**V** 941, 14; 1140, 6), que tem o mesmo sentido. O facto de se usar tambem *de chão* neste sentido e existir o substantivo *pran* synonymo de *chão* (**CM** 236, 6; cf. 344, 3) faz suppor que *pran* fosse tirado do *plan* provençal.

101 e 104. Joga-se aqui com a dupla significação de *ben*, adverbio e substantivo.

103. *tornar* = fazer voltar.

6.

A bõa dona por que eu trobava,
e que non dava nulha ren por mí,
pero s' ela de mí ren non pagava,
sofrendo coyta sempre a serví;
e ora ja por ela 'nsandecí,
e dá por mí ben quanto x' ante dava.

E, pero x' ela con bon prez estava
e con [tan] bon parecer qual lh' eu vi
e lhi sempre con meu trobar pesava,
trobey eu tant' e tanto a serví
que ja por ela lum' e sen perdí,
e anda-x' ela por qual x' ant' andava:

Por de bon prez, e muyto se prezava,
e dereyt' é de sempr' andar assí;
ca, se lh' alguen na mha coyta falava,
sol non oia nen tornava i;
pero por coyta grande que sofrí
oy mays ey d' ela quant' aver cuydava:

Sandec' e morte, que busquey sempr' i,
e seu amor mi deu quant' eu buscava!

I. V 34 e **A 232.** — 1 **V** *Aboa* — 3 **A** *min* — 5 **V** *el enfandeci* — 6 **V** *quantante* — 7 *bon* falta em **V** — 8 Em ambos os codices falta uma syllaba. Mich. introduziu *mui*; eu prefiro *tan*, lendo *qual lh' eu* por $\bar{q}$*lheu* (**V**) do mesmo verso; cf. v. 598 e *qua lheu* **V** 987, 18; *malhi* = *mal lhi* **V** 637, 5; 11; 16; *alhy* = *al lhi* **V** 1015, 5 — 9 **A** *lhe* — 12 **V** $\bar{q}$*l antãdaua* — 13 **V** $\bar{p}$*gaua* (i. e., talvez, *preçava*) — 14 **V** *edeyte de sem*$\bar{p}$ *adar* — 17 *por* **A**] **V** $\bar{q}$ — 18 **A** *coidava* — 19 **V** *Sandice morte* — 20 **A** me.

II. 105. O pronome relativo que se refere a uma palavra antecedente, quer seja nome de coisa ou de pessoa, é sempre *que*, ainda mesmo depois de preposição; *quen* só se usa sem antecedente: cf. v. 5.

106. *nulha ren* = nenhuma coisa. *Nulho* (< *nūllum*) é fórma castelhana; a normal seria *nulo*, que talvez se occulte debaixo da graphia *nullo*, bastante usada nos codices italianos.

mí (e *min*, igualmente attestado pelas rimas; cf. v. 1068) é a fórma tonica do caso obliquo dêste pronome, usada não só depois de preposições, mas tambem como objecto directo e depois de conjuncções de comparação, e mais em casos excepcionaes, como v. 577 ou **B** 116, 3 *que o façamos mí e vós jograr*. Para a 2ª pessoa *tí*, cf. **V** 1035, 12 *di-me tí que trobas*.

107. *pagar-se de* = ter prazer, gostar de.

113. *pesa mi con* = desagrada-me, sinto pesar por. *Pesa-mi de*, v. 315.

Desde o tempo da Renascença, que substituiu o *trobador* pelo *poeta*, o verbo *trobar* não tem mais equivalente na lingua.

116. *andar por* = valer, ser considerado como.

120. *tornar* = virar-se, voltar-se.

123—4. *buscar* = merecer, ser causa de (em allemão „*sich etw. zuzichen*").

7.

Amigos, quero-vos dizer
a muy gran coyta 'n que me ten
ũa dona que quero ben,
e que me faz ensandecer;
e, catando po-la veer,
assí and' eu, assí and' eu,
assí and' eu, assí and' eu.

E ja m' eu conselho non sey,
ca ja o meu adubad' é,
e sey muy ben, per bõa fe,
que ja sempr' assí andarey:
catando se a veerey,
assí and' eu, assí and' eu,
assí and' eu, assí and' eu.

E ja eu non posso chorar,
ca ja chorand' ensandecí,
e faz-mh-amor andar assí
como me veedes andar:
catando per cada logar,
assí and' eu, assí and' eu,
assí and' eu, assí and' eu.

E ja o non posso negar:
alguen me faz assí andar.

I. V 35 e A 233. — 2 *a* falta em V — 3 V *hunha* — 7 V repete este verso mais duas vezes, mas a ultima destas linhas está cancellada — 8 V *ia eu* — 10 V *boã* — 11 V *senp̃ ffy* (i. e., talvez, *sempre sí*) — 14 e 21 faltam em V.

II. 129. = e olhando para vê-la. Os casos de se unirem *lo, la, los, las* (quer sejam artigos ou pronomes) á palavra precedente são muito mais frequentes que hoje: cf. v. 149; 290; 302; 235; 361; 394; 426; 510; 526; 555; 670; 736; 756; 766; 781; 799; 825; 927; 1101. Raro é o conservarem-se *lo, la* etc. depois de palavras terminadas por *r* ou *s* sem a assimilação dêstes ultimos sons; porem cf. v. 222. Finalmente, já ha muitos exemplos da generalização analogica (hoje triumphante) de *o, a, os, as* depois de palavras terminadas por consoantes: cf. v. 15; 97; 171; 239; 257; 432; 562; 741.

133. *o meu* substantivado, como v. 69. C. Michaëlis traduz: „a minha sorte está decidida."

141. *mh* e *m'* são as fórmas que toma *me* ou *mi* (cf. v. 2) antes de vogal.

147. *alguen* usado com referencia á *senhor* amada, como no v. 53 e a miudo.

8.

Quantos an gran coyta d' amor
ẽ-no mundo, qual oj' eu ey,
querrian morrer, eu o sey,
e averian en sabor;
mays, mentr' eu vós vir, mha senhor,
sempre m' eu querria viver
e atender e atender.

Pero ja non posso guarir,
ca ja cegan os olhos meus
por vós, e non mi val i Deus
nen vós; mays, por vos non mentir,
en quant' eu vós, mha senhor, vir,
sempre m' eu querria viver
e atender e atender.

E tenho que fazen mal sen,
quantos d' amor coytados son,
de querer sa morte, se non
ouveron nunca d' amor ben,
com' eu faç'; e, senhor, por en
sempre m' eu querria viver
e atender e atender.

I. V 36 e A 234. — 2 V *eno* — 3 V *moırer* — 6 V *queırıa* — 10 A *me* — V *đs* — 13 V *senp*^{i}*meu* $\bar{q}$*ırıa* — 14 e 21 faltam em V — 16 V $\tilde{q}$*ta* — *cuycad*9 — V 20 $\bar{q}$*ırıa.*

II. 148. *an* < *ha(be)nt*, como *van* (v. 685) < *va(du)nt.*

149. $\tilde{e}$*-no* < *en lo* < *in (il)lum.* A fórma com aphérese — *no* — já se encontra tambem; cf. v. 119; 182; 337.

150. *querria* é, nos Canc., a fórma normal do condicional, como *querrey* (v. 594) do futuro, de *querer*: cf. *terrey*, v. 422.

152. *vós* e *nós* são, como *mí* e *tí*, muito usados na funcção de objecto directo sem preposição. Cf. v. 106.

154. *atender* = esperar.

155. *guarir* = estar são, viver em estado de saude.

162. = E julgo que dão prova de pouco juizo; cf. v. 58 e 73.

9.

Gran sazon á que eu morrera ja
por mha senhor, desejando seu ben;
mays ar direy-vos o que me deten
que non per moyr', e direy-vo-lo ja:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

E esta coyta 'n que eu viv' assí,
nunca en parte soube mha senhor;
e vou vivend' a gran pesar d' amor,
e direy ja por quanto viv' assí:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

Non viv' eu ja se per aquesto non:
ouç' eu as gentes no seu ben falar;
e ven amor logo por me matar,
e non guaresco se per esto non:
falan-me d' ela, e ar vou-a veer,
[e] ja quant' esto me faz ja viver.

E viverey, mentre podér viver;
ca poys por ela me ey [eu] a morrer.

I. A 235. — 5 Ou *d' ela, e ar?* — 6, 12 e 18 Mich *fazia*, o que me parece inaceitavel. Evidentemente, as letras do codice podem ser interpretadas de um e outro modo; e a conjuncção *e*, que introduzi, parece-me que melhora a phrase — 20 *me ei a.*

II. 169. *sazon* = espaço de tempo.

172. *per* adverbio de reforço (= inteiramente, muito), sempre collocado antes do verbo. Geralmente vem precedido de um adjectivo ou adverbio, que é a palavra propriamente reforçada por *per*: v. 258; 1104.

174. *ja quanto* = um pouco, algum tanto. Assim tambem *ja que* = alguma coisa, *ja quando* = alguma vez (V 598, 18; 829, 12; CM 206, 7; 281, 15), *ja u* = em algum lugar (V 1095, 1).

176. *saber parte de* = ser informado de; cf. a locução moderna *dar parte.*

184. O presente dos verbos inchoativos se conjuga assim: *guaresco, guareces, guarece . . .*; *guaresca, guarescas, guaresca . . .* Encontram-se graphias analogicas (ou archaicas?) como *guaresces.*

188. *poys* = depois.

Os pronomes átonos *me, mi, te, ti, se, si, lhe, lhi* não formam syllaba antes de vogal (as excepções são rarissimas). Quando sua vogal final não se elide, ella perde o caracter syllabico ou se funde completamente com a consoante: d'ahi as fórmas *mh* (cf. v. 141) para a 1ª pessoa, *ch'* para a 2ª, *x'* (cf. v. 24) para o reflexivo da 3ª. As ultimas duas parece que geraram as fórmas syllabicas *che, chi* e *xe, xi*; cf. v. 785; 339; 1009.

10.

Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse,
non m' avia mays de tant' a fazer:
leyxar-m' aquí, u m' ora 'stou, viver;
e do seu ben nunca m' el outro desse!
Ca ja sempr' eu veeria d' aquí
aquelas casas u mha senhor vi,
e catá-la[s], ben quanto m' eu quisesse.

D' aquí vej' eu Barcelos e Faria,
e vej' as casas u ja vi alguen,
per bõa fe, que me nunca fez ben!
Vedes por que: porque x' o non queria.

E, pero sey que me matará amor,
en quant' eu fosse d' aquí morador
nunca eu ja d' el morte temeria.

Par Deus Senhor, viçoso viveria
e en gran ben, e en muy gran sabor
veê-las casas u vi mha senhor,
e catar alá quant' eu cataria!
Mentr' eu d' aquesto ouvess' o poder,
d' aquelas casas que vejo veer,
nunca en ja os olhos partiria!

E esso pouco que ey de viver,
vivê-lo-ia a muy gran prazer;
ca mha senhor nunca mh-o saberia.

I. A 236. — 7 *catá'la* me parece lição tão pouco admissivel como *catara-la* (que aliás seria um hespanholismo) no v. 18. Aqui (v. 7) caberia tambem a emenda *catar lá* — 8 Obedecendo a uma suggestão de Diez (*KuHp*, pag. 71—72), inverti a ordem das estrophes 2ª e 3ª — 22 *esse.*

II. 190. *mays de* = mais que.

195. *catá-las*: o infinitivo *catar* está ligado por *e* ao condicional *veeria* (C. Michaëlis, por isso, imprime *veer ia*). O auxiliar *habebam*, agglutinado ao infinitivo, ainda não se tornara completamente flexão, de modo que podia ficar subentendido depois de *catá-las*. Cf. v. 203—6, e para a mesma construcção do futuro **V** 658, 9—10 *direy e non estar.*

210. *esso* (e não *esse*) *pouco* é a fórma usada nos Canc. Cf. v. 255.

11.

Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coyta, mentr' eu vivo fôr;
e direy-vos, fremosa mha senhor,
d' estes meus olhos a coyta que an:
choran e cegan, quand' alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

Guisado têen de nunca perder
meus olhos coyta e meu coraçon,
e estas coytas, senhor, mĩas son:
mays los meus olhos, por alguen veer,
choran e cegan, quand' alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

E nunca ja poderey aver ben,
poys que amor ja non quer nen quer Deus;
mays os cativos d' estes olhos meus
morrerán sempre por veer alguen:
choran e cegan, quand' alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

I. A 237. — 9 Não estará viciado este verso? — *minhas* — 10 *per* (haverá *pr* no codice?)

II. 217. *veen* é dissyllabo (*vê-en*); cf. v. 63. Assim tambem *tẽen* (v. 219), *tẽes* (v. 724).

219—20. O sujeito é *meus olhos e meu coraçon*; = é o destino de . . ., está dito que . . .

221. *mĩas*. O lat. *mea* deu *mia* (que rima com *dia, folia, queria* etc. V 402, 8) e, com assimilação do *i* á consoante nasal, *mĩa* (rima com o suffixo latino *-ĩna*, V 1137, 8; 1150, 5). Estas são as fórmas tonicas; a antetonica, e quasi a unica usada antes do substantivo, é *mha*; cf. v. 70.

227. *cativo* = infeliz.

12.

Cuydou-s' amor que logo me faria
per sa coyta o sen que ey perder;
e pero nunca o podo fazer,
mays aprendeu outra sabedoria:
quer-me matar muy cedo por alguen,
e aquesto pód' el fazer muy ben,
ca mha senhor esto quer toda via.

E ten-s' amor que demandey folia
en demandar o que non poss' aver;
e aquesto non poss' eu escolher,
ca logo m' eu en[d'] al escolheria:
escolheria, mentr' ouvesse sen,
de nunca ja morrer por nulha ren;
ca esta morte non é jograria.

Ay! que de coyta levey en Faria!
E vin aquí a Segobha morrer,
ca non vej' i quen soia veer
meu pouqu' e pouqu' e por esso guaria.
Mays, poys que ja non posso guarecer,
a por que moyro vos quero dizer:
diz alguen: "Est' é filha de Maria."

E o que sempre neguey en trobar,
ora o dix'! E pes a quen pesar,
poys que alguen acabou sa perfia.

I. A 238. — 11 *én al* — 18 *m'eu* (porem *meu* no vol. II, pag. 412) — 21 *Est' é]* Ou *Éste?*

II. 232. *sa* fórma antetonica de *sua*. Cf. v. 164.

233. *podo* é raro por *pôde*. Cf. *quiso*, v. 637; *disso*, v. 880.

238. *folia* = loucura.

241. *end' al;* cf. v. 24.

245. *que de coyta levey* = quanta dor soffri.

248. *meu pouqu' e pouqu'*: compare-se **V** 333, 12—14 *Porque tan muyto tarda d' esta vez, seu pouqu' e pouco se vay perdendo con migo.*

248—49. *guarir* e *guarecer* = salvar a vida.

251. Ao lado de *é*, que já se vai generalizando, encontram-se nos Canc. *est*, antes de palavras que começam por vogal, e *éste*, antes de consoante. Esta ultima fórma é frequente nas **CM**. Cf. v. 357.

253. *dix'*, *dixi* e *dixe* se encontram ao lado de *disse* (1ª pessoa). Cf. v. 258; 456.

254. *perfia* = empenho; *acabar sa perfia* = alcançar seu fim.

13.

Esso muy pouco que oj' eu faley
con mha senhor, gradecí-o a Deus,
e gran prazer viron os olhos meus!
Mays do que dixe gran pavor per ey;
ca me tremi' assí o coraçon
que non sey se lh' o dixe [ou] se non.

Tan gran sabor ouv' eu de lhe dizer
a muy gran coyta que sofr' e sofrí
por ela! Mays tan mal dia nací,
se lh' o oj' eu ben non fiz entender!
Ca me tremi' assí o coraçon
que non sey se lh' o dixe ou se non.

Ca nunca eu faley con mha senhor
se non muy pouc' oj'; e direy-vos al:
non sey se me lh' o dixe ben, se mal.
Mays do que dixe estou a gran pavor;
ca me tremi' assí o coraçon
que non sey se lh' o dixe ou se non.

E a quen muyto trem' o coraçon,
nunca ben pód' acabar sa razon.

I. A 239. — 6 *ou* Mich; o metro exige a emenda; mas não será melhor introduzir *ben* em vez de *ou*?

II. 258. *gran pavor per ey* = tenho pavor muito grande.
261. *sabor* = vontade, desejo.
263. *tan mal dia nací* = sou bem infeliz.
274. *razon* = assumpto de que se fala, discurso.

14.

Deus! como se fôron perder e matar
muy bõas donzelas, quaes vos direy:
foy Dordia Gil e [ar] foy Guiomar,
que prenderon ordin; mays, se foss' eu rey,
eu as mandaria por en[de] queymar,
porque fôron mund' e prez desemparar.

Non metedes mentes en qual perdiçon
fezeron no mund' e se fôron perder?
Com' outras arlotas viven na raçon (?)
por muyto de ben que poderon fazer!
Mays eu por alguen ja mort' ey de prender
que non vej', e moyro por alguen veer.

Outra [bõa] dona que pe-lo reyno á,
de bon prez e rica [e] de bon parecer,
se mh-a Deus amostra, gran ben mi fará;
ca nunca prazer verey sẽ-na veer.
Que farey, coytado? Moyro por alguen
que non vej', e moyro por veer alguen (?).

I. V 37. — 2 *mui bõas* Mich] *uiui boas* — 3 *Oordia gil*, Mich$_1$ *Dordia Giles*; eu prefiro supprir a syllaba que falta, introduzindo *ar* — 5 *poren*, Mich *por én a* — 8 *fezeron no* Mich] *fezon nō* — 9 *comout˜s arllotas uiuẽ na racō*; a lição acima e o ponto de interrogação são de Mich. — 10 *poderon fazer* Mich] *podom faz* (por *pod'om faz'*) — 13 *Ouc˜ doā q̄ pelo Beyno a;* a emenda é de Mich. — 14 *e* accrescentado por Mich$_1$ — 18 *alguen]* Por ventura *al ren*?

II. 278. *prender* = tomar.
280. *desemparar* = desamparar, abandonar.
281. *meter mentes en* = reparar em, attender a.
283. *arlota* aqui = vagabunda, vadia. Nas **CM** (vid. o Glossario) *arloton* = impostor, *arlotia* = impostura.
290. *sẽ-na* < *sen la* < *sine (il)la.*

15.

Vi oj' eu donas muy ben parecer
e de muy bon prez e de muy bon sen,
e muyt' amigas son de todo ben;
mays d' ũa moça vos quero dizer:
de parecer venceu quantas achou
i a moça que x' agora chegou.

Cuydava-m' eu que non avian par
de parecer as donas que eu vi,
atan ben me parecian alí;
mays, po[y]-la moça filhou seu logar,
de parecer venceu quantas achou
i a moça que x' agora chegou.

Que feramente as todas venceu
a mocelĩa en pouca sazon!
De parecer todas vençudas (?) son;
mays, poy-la moça alí pareceu,
de parecer venceu quanta[s] achou
i a moça que x' agora chegou.

I. V 351. — 4 *dunha* — 6 *i a] hir ha*, talvez por *hũha*, isto é, *ũa* — 9 e 10 estão escritos numa só linha — 10 *loguar* — 12 falta — 14 *eamoçelinha* — 15 *uẽçudas* não fórma sentido com o que se segue: proponho substituí-lo por *muy bõas* — 16 *alí] hi*, faltando assim uma syllaba ao verso — 18 falta.

II. 295. *muyt'* sempre se usa em lugar de *muy* (cf. v. 73) antes de vogal.

296. *mays*: a fórma *mas* para a conjuncção adversativa ainda é rara nos Canc.

301. *atan* = *tan*. Assim temos *atanto* = *tanto*, *atal* = *tal*, *assí* = *sí*, *alá* = *lá*. Cf. v. 206; 1006.

302. *poy(s)* = depois que, quando.

filhar = tomar.

305. *feramente* = grandemente, muito.

Cantigas d' amigo.

16.

Treydes todas, ay amigas! con migo
veer un ome muyt' enamorado,
que aquí jaz cabo nós mal chagado
e, pero á muytas coytas con sigo,
non quer morrer, por non pesar d' el [a] alguen
que lh' amor á; mays el muyt' ama alguen.

Ja x' ora el das chagas morreria,
se non foss' o grand' amor verdadeyro.
Preçade sempr' amor de cavaleyro;
ca el de pran sobr' aquesto perfia:
non quer morrer, por non pesar d' el a alguen
que lh' amor á; mays el muyt' ama alguen.

Lealmente ama Joan de Guilhade,
e de nós todas lhi seja loado,
e Deus lhi dé da por que o faz grado!
Ca el de pran con muy gran lealdade
non quer morrer, por non pesar d' el a alguen
que lh' amor á; mays el muyt' ama alguen.

I. V 343. — Os primeiros dois versos estão distribuidos por tres linhas, acabando a 1ª com *amigas*, a 2ª com *home* — 1 *comigo* — 2 *muytona morado*. A falta de separação das palavras, as regras syntacticas e phonologicas, a frequencia da troca de *o* por *e*: tudo fala em favor da emenda — 3 *jaz* Mon] *iam* — *chegado*: compare-se v. 7 — 4 *á*] *oya*. Para ficar certa a medida do verso, poder-se-ia tambem ler *e*, *pero oj' á muytas coytas sigo*; mas é raro no V escrever-se *y* por *j* — 5 *quer*] *auer*, porem v. 11 e 17 *q̄r*, palavra com que terminam a 2ª e a 3ª estrophe, faltando o resto do estribilho. Neste estribilho não quiz afastar-me do codice, de cuja praxe não destoa a suppressão de um *a* que não conta como syllaba, em *a alguen*. Não me parece, todavia, impeccavel o rythmo do ultimo verso: *el ama muyt' alguen* seria preferivel. É digno de nota que obteriamos, no estribilho, dois decassyllabos irreprehensiveis, supprimindo unicamente o *d' el* do primeiro verso e lendo *amą alguen* no segundo — 9 *prç ade* — *cauatro* — 15 *eđs*.

II. 311. *Treydes* ou *treyde* (**CD** 1929) = ide, vinde; sing. *trey* (**CM** 325, 9) = vai, vem. Vid. **CD**, no Glossario, s. v. *trager*, e os additamentos de C. Michaëlis na *ZfRPh* XIX, pag. 600; para o sentido, vid. mais **V** 751, 7; **CM** 216, 4; 278, 4. O étymo latino será **tracĭte* (cf. *trazer* < **tracēre*), **tragĭte* (cf. o antigo *trager* < **tragēre*) ou *trahĭte*? e para o singular **trac* (cf. o antigo *di* < *dic*) ou *trahe*? *Treydes* tem valor de imperativo como *vedes* (cf. v. 63).

312. *muyt'*: veja-se v. 295.

313. *cabo* = junto a, perto de. Com igual sentido usa-se *cabo de*: v. 1023.

chagar = ferir; porem *ferir* = bater, dar pancada a: cf. v. 819.

319. *preçar* é derivado de *preço*; porem *prezar* < *pretiare*.

320. *perfiar* = empenhar-se, teimar.

324. *loado* parece ser substantivo, = louvor.

325. *dé* < *dĕt*; a 2ª pessoa *dēs* deu regularmente *dês*. O moderno *dê* deve ser devido á analogia de *dês* (a 1ª pessoa *dê* é certamente analogica). *Dé* (3ª pess.) rima com *é* e *fé* **V** 479, 10; 541, 14; 1036, 16; **CM** 177, 1. D. Denis, porem, já rima *dê* com *quê* (< *quid*): **CD** 1642 e 2250 (o verso **V** 452, 12, que deve rimar com *dé* ou *dê*, está deteriorado).

grado = graças, recompensa.

17.

Por Deus! amigas, que será,
poys [que] o mundo non é ren
nen quer amig' a senhor ben?
E este mundo que é ja,
poys i amor non á poder?
Que presta seu bon parecer
nen seu bon talh' a quẽ-no á?

Vedes por que o dig' assí:
porque non á no mundo rey
que viss' o talho que eu ey,
que xe non morresse por mí
(si quer meus olhos verdes son),
e meu amig' agora non
me viu, e passou per aquí!

Mays dona que amig' ouver
des oje mays (crea per Deus!)
non s' esforc' ẽ-[n]os olhos seus;
ca des oy mays non lh' é mester:
ca ja meus olhos viu alguen
e meu bon talh', e ora ven
e vay-se tanto que s' ir quer!

E, poys que non á de valer
bon talho nen bon parecer,
parescamos ja como quer.

I. V 344. — 1 *serra*, êrro por *seera* — 2 *poys* está no fim da 1ª linha — 5 Monaci hesita se se deve ler *amor* ou *amar* — 7 *talhaqueno* — 11 *mĩ* — 16 *đs* — 17 *seſtorçẽ os*. A emenda acima parece-me preferivel a *s' esforcen os* ou *s' estorçan os* — 18 *oy] oie*; o *e*, que viciaria o verso, é devido provavelmente ao *oie* do v. 16 — 24 *pareſcamus*.

II. 329. O infinitivo *seer*, que é quasi sempre dissyllabo nos Canc. lyricos (cf. v. 829), se torna monossyllabo no futuro e condicional. Cf. v. 447.

335. *talho* = talhe, feição do corpo.

340. *si quer* ou *se quer* = apesar de que, ainda que. A não ser nesta locução, é muito rara a fórma *si* para a conjuncção *se*.

345. *esforçar-se* = ter confiança: cf. v. 80.

346. *é mester* = é de proveito.

349. *tanto que* = quando, sempre que.

18.

Quer' eu, amigas, o mundo loar,
por quanto ben mi Nostro Senhor fez:
fez-me fremosa e de muy bon prez,
ar faz-mi meu amigo muyt' amar.
Aqueste mundo x' est a melhor ren,
das que Deus fez, a quen el i faz ben.

O paraiso bõo x' é de pran,
ca o fez Deus, e non digu' eu de non;
may-los amigos que no mundo son
[e] amiga[s], muyt' ambos lezer an:
aqueste mundo x' est a melhor ren,
das que Deus fez, a quen el i faz ben.

Querria-m' eu o parais' aver,
des que morresse, ben come quen quer;
mays, poy-la dona seu amig' oer
e con el póde no mundo viver,
aqueste mundo x' est a melhor ren,
das que Deus fez, a quen el i faz ben.

[E] quen aquesto non tever por ben,
[ja] nunca lhi Deus dé en ele ren!

I. V 345. — 2 *mi]* ou *m' i?* — 7 *boõ* — 8 e 20 *ẽs* — 11—12 *aqueste mũdo* (o resto do estribilho falta) — 13 *Queiria* — 14 *moireſse* — 17 *aqueſte mũdo.* (falta o resto do estribilho) — 19 *tener* — 20 Ou *nunca [ja]?*

II. 356. *mi* é objecto indirecto de *faz amar*; *meu amigo*, objecto directo de *amar*. Cf. v. 416; 554; 693; 773—74; 906.

359. *bõo*, dissyllabo, é a fórma tonica, da qual resultou a moderna *bom*. A antetonica — *bon*; cf. v. 73 — seria hoje *bão*, como *non* > *não*.

360. *digo de non* = digo que não.

362. *lezer* = descanso, tranquillidade, contentamento. Cf. o Glossario das CM.

366. *come* = *como*.

367. *oer* (isto é, *o-ér*), em lugar de *ouver*, é fórma bastante rara. Cf. meu artigo „*Zu Text und Interpret. des Canc. da Aj.*“, pag. 373, n. 1.

371. *tever*: = as graphias *tiver*, *estiver*, *fizer*, *puder* (por *podér*), *puser* e outras semelhantes são posteriores aos Canc. Cf. v. 533; 572; 778.

19.

Sanhud' and[ad]es, amigo,
porque non faço meu dano
vosqu', e per fe sen engano
ora vos jur' e vos digo

ca nunca ja esse [preyto]
mig', amigo, será feyto.

De pran non sõo tan louca
que ja esse preyto faça;
mays dou-vos esta baraça,
guardad' a cint' e a touca;
ca nunca ja esse preyto
mig', amigo, será feyto.

Ay don Joan de Guilhade!
sempre vos eu fuy amiga,
e queredes que vos diga?
En outro preyto falade;
ca nunca ja esse preyto
mig', amigo, será feyto.

I. V 346. — 4 *jur'] par* — 6 está na mesma linha com o verso precedente — 7 *son*. Esta fórma, muito mais rara que *sõo*, estaria em desaccôrdo com a medida do verso — 8, 16 e 17 *p'yto* — 11 *preyto* e o resto do estribilho faltam — 14 *amigo* — 18 falta.

II. 375. *vosco* (< **võscum*, em vez de *vobiscum*) se encontra ao lado de *con vosco*. Assim tambem *nosco* e *con nosco*, *migo* (*mego* **B** 10, 18) e *con migo* (*con mego* **B** 13, 4; 365, 3), *tigo* e *con tigo*, *sigo* e *con sigo*. Cf. v. 311; 378; 429; 583; 738.

377. *preyto* = tratado, ajuste, compromisso, assumpto, conversa. Vid. no Glossario das **CM**.

379. O lat. *sum* > *son* (> mod. dial. *são*). D'ahi, com o accrescimo analogico do *-o* da 1ª sing. ind. pres., o dissyllabo *sõo*.

381. *baraça* era um laço (prova-o o exemplo citado por Cortesão, no Additamento, pag. 16) ou uma corda; cf. C. Michaëlis, *Randglosse* I, pag. 67.

20.

Amigas, o meu amigo
dizedes que faz enfinta
en cas del rey da mha cinta;
e vede-lo que vos digo:
mando-me-lh' eu que s' enfinga
da mha cinta e x' a cinga.

De pran todas vós sabedes
que lhi dey eu de mhas dõas
e que mh-as dá el muy bõas:
mays, d' esso que mi dizedes,
mando-me-lh' eu que s' enfinga
da mha cinta e x' a cinga.

Se s' el enfinge (ca x' ousa),
eu direy-vos que façades:
ja mays nunca mh-o digades;
e direy-vos ũa cousa:
mando-me-lh' eu que s' enfinga
da mha cinta e x' a cinga.

I. V 347. — Os versos 2 a 4 acham-se escritos em duas linhas, a primeira das quaes acaba com *rey* — 6 e 18 *exacinta* — 8 *doãs* — 9 *boãs* — 11 *mandome* (falta o resto do estribilho) — 14 *edireyu9*, que se repete exactamente assim duas linhas adiante, parece ser devido aqui a um engano. A lição dos v. 13 e 14 não me satisfaz ainda — 16 *huã*.

II. 392. *faz enfinta* = gaba-se (cf. V 1025, 26). Tem o mesmo sentido *enfinge-se*: v. 395; 403; 494. O infinitivo é *enfingir*, *enfengir*, *enfinger* ou *enfenger*. Cf. ainda C. Michaëlis, *Randglosse* I, pag. 71, e mais acima, pag. 3, n. 1.

395 e 396. *enfinga* e *cinga*: as fórmas modernas *finja cinja* são analogicas. Inversamente, no verbo *erguer* (ant. *erger* < **erigĕre*) generalizou-se o som *g (gu)* pela influencia das fórmas *ergo*, *erga*, *ergas* etc.

398. *dõa* (= dadiva; o singular se encontra, por exemplo, **CM** 267, 4) < *dona*, plural de *donum*. Nos Canc. lyricos, o vocabulo designa sempre as prendas de amor; cf. C. Michaëlis, *Randglosse* I, pag. 71.

404. = eu vos direi o que deveis fazer.

21.

Vistes, mhas donas: quando noutro dia
o meu amigo con migo falou,
foy muy queyxos', e, pero se queyxou,
dey-lh' eu enton a cinta que tragia;
mays el demanda-m' [or'] outra folia.

E vistes (que nunca amiga tal visse!):
por s' ir queyxar, mhas donas, tan sen guisa,
fez-mi tirar a corda da camisa,
e dey-lh' eu d' ela ben quanta m' el disse;
mays el demanda-mh-al, que non pedisse!

Sempr' averá don Joan de Guilhade,
mentr' el quiser, amigas, das mhas dõas
(ca ja m' end' el muytas deu e muy bõas);
des i terrey-lhi sempre lealdade;
mays el demanda-m' outra torpidade.

I. V 348. — 2 *comigo* — 3 Talvez seja melhor emendar: *queyxoso*, *e*, *poys* ou *queyxos'*, *e*, *porque* — 5 *moutra tolya* — 6 *E uistes q̄ nũca q̄ nũca tal uiſtes*. A repetição de *q̄ nũca* e de *uistes* só póde ser devida a engano: a rima exige *visse*, e de *q̄ nũca* para *amiga*, a emenda é leve — 8 O *fez mi* do codice quererá

dizer *fez mí?* — 10 *q̄no ferifse.* Sem mudar nada, teriamos *quẽ-no ferisse!* o que não me parece admissivel. Se lêssemos *que lh' oferisse*, cumpriria trocar tambem *demanda* por *demandou* — 11 *Sempuera*, se não estivesse escrito numa só palavra, tambem poderia ler-se *Sempre verá* — *guilhadi* — 12 *amigas das mhas donas* fórma uma linha á parte — 13 *mẽ del* — *boãs.*

II. 409. *noutro*, bem como *num*, *neste*, *nesse*, *naquelle*, parece que são fórmas devidas á analogia de *no* (cf. v. 149).

412. *trager* = trazer; cf. v. 311.

413. *demandar* = pedir.

415. *ir queyxar* = ir queixando, queixar, é construcção muito frequente.

sen guisa = fóra de proposito, injustamente. Tem o mesmo sentido *desaguisado* ou *desguisado*. Cf. v. 852.

417. *quanta* concorda com *ela*: cf. *pouca de sazon* **V** 605, 9; **B** 426, 10; *a mays da vinha* **V** 905, 5; **B** 416, 7; *muyta de maa ventura* **V** 1050, 4.

422. *des i* = alem disso.

terrey e *terria* são o futuro e o condicional de *tẽer* (*tenere habeo* > *tenrey* > *terrey*). **V** 540, 15 *tẽerey* é um exemplo da recomposição dêstes tempos, á qual, na lingua moderna, só escaparam os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*.

423. *outra torpidade* = outra coisa, que é uma torpidade; cf. Canc. Gall., pag. 182 (nota ao v. 401).

22.

Amigas, tamanha coyta
nunca sofrí, poys foy nada;
e direy-vo-la gran coyta
con que eu sejo coytada:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Nunca vós vejades coyta,
amiga[s], qual m' oj' eu vejo;
e direy-vos a mha coyta
con que eu coytada sejo:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Sej' eu morrendo con coyta,
tamanha coyta me filha;
e direy mha coyta e coyta
que tragu' e que maravilha:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

I. V 349. — 1 e 2 estão escritos numa só linha — 3 e 4 estão escritos numa só linha — 6 *sigo*(?)] *amigo.* Os olhos do copista desviaram-se provavelmente para a linha anterior — 11 *ten] efte.* Comparem-se os v. 5 e 17. Ou seria esta a fórma primitiva do estribilho: *amigą, este meu amigo | amiga na terrą á*

migo (*migo* = alem de mim)? Nesse caso, conservar-se-ia a lição do codice no v. 8, e ler-se-ia *amiga* tambem no v. 1º.—12 e 18 faltam — 13 *mouendo* — 15 *e demha.*

II. 425. *foy nada,* 1ª sing. perf. de *nacer*; é o lat. *fui nata.* A 1ª pessoa *foy* se encontra numa minoria de casos ao lado de *fuy*: as rimas comprobativas faltam (só a 3ª pessoa *foy* rima com *oy* **CM** 28, 13). Cf. v. 641; 894.

427. *sejo* (< *sedeo*) = *sõo* (v. 379) e *estou.*

23.

Par Deus, amigas, ja me non quer ben
o meu amigo, poys ora ficou
onde m' eu vin, e outra o mandou;
e direy-vos, amigas, ũa ren:
se m' el quisesse como soia,
ja 'gorạ, amigas, migo seria.

E ja cobrad[o] é seu coraçon
[de me querer muy gran ben, eu o sey,]
poys el ficou u lh' a mha cinta dey,
e, mas amigas, (se Deus mi perdon!)
se m' el quisesse como soia,
ja 'gorạ, amigas, migo seria.

Fez-m' el chorar muyto dos olhos meus
con gran pesar que m' oje fez prender,
quand' eu dixị: „Outro m' o [o]uvira dizer!"
Ay mhas amigas, se mi valha Deus!
se m' el quisesse como soia,
ja 'gorạ, amigas, migo seria.

I. V 350. — 4 *hunha* — 8 Minha restituição do verso que falta no codice é conjectural — 10 e 16 *ds* — 11 *com9* — 12 falta — 13 *ch°rar* — 14 *p'nder* — 15 *quādeu dixi outro mo uuyra dizer.* Com leve emenda, poderemos ler tambem: *Quant' eu dixị outro m' ouvira dizer!* — 17 *soia* e o resto do estribilho faltam.

II. 444. *onde* (< *ŭnde*; cf. *ende*, v. 24) = de onde, de que, de quem; refere-se a pessoas e coisas.

448. *é cobrado de* = está curado, restabelecido, livre de (cf. **CD**, v. 2322).

451. *mas*, por *mhas*, assim como *ma* por *mha*, são fórmas raras.

456. Não é impossivel que a fórma moderna *ouvira* (em vez de *oira*; cf. v. 36) fosse introduzida no texto por um copista. Vid. v. 891 e 995. O emprego dêste tempo para exprimir um desejo é tão commum como o do subj. imperf.: cf. v. 414; 418.

24.

Amigas, que Deus vos valha!
quando vẽer meu amigo,
falade sempr' ũas outras,
en quant' el falar con migo;

ca muytas cousas diremos
que ante vós non diremos.

Sey eu que por falar migo
chegará el muy coytado,
e vós ide-vos chegando
lá todas per ess' estrado;
ca muytas cousas diremos
que ante vós non diremos.

I. V 352. — 1 *u9 (q)* — 2 *ueher* — 3 *semprunhas* — 4 *comigo* — 12 falta.

II. 461. *vẽér*: a 1ª sing. perf. *vin* (v. 444), a 3ª *vẽo* (rima com *sẽo* < *sĭnum*, *chẽo* e *alhẽo* V 923, 18; 1143, 1) e o latim provam que, na lingua antiga, tambem o *e* átono de fórmas como a presente era nasal, ainda que os codices não marquem essa nasalidade. Provavelmente, ella se perdeu mais cedo nas syllabas átonas; porem quando? Ulteriormente, *veér* deu *viér*. Cf. v. 540; 700.

462. *ũas outras*, pronome reciproco.

467. *coytado por* = afflicto por, com saudade de, desejoso de.

25.

Morr' o meu amigo d' amor,
e eu non vo-lh' o creo ben,
e el mi diz logo por en
ca verrá morrer u eu fôr;
e a mí praz de coraçon
por veer se morre, se non.

Enviou-m' el assí dizer:
ten el por mesura de mí
que o leyxe morrer aquí
e o veja, quando morrer;
e a mí praz de coraçon
por veer se morre, se non.

Mays nunca ja crea molher
que por ela morren assí
(ca nunca eu ess' e tal vi),
e el moyra, se lhi prouguer;
e a mí praz de coraçon
por veer se morre, se non.

I. V 353. — 5 *e a mí] cami* (*ca* tambem nos v. 11 e 17). Lendo-se *ca mi*, faltaria uma syllaba ao verso; *ca a mi* não formaria sentido nas estrophes 1ª e 2ª — 6 *moire* — 8 $\bar{q}$ *el premesura demĩ*. A alteração do texto não é tão grande como parece: *q* acha-se bastantes vezes escrito por *tr*, d'ahi *tẽ* podia-se

bem confundir com $\bar{q}$; *pre* será devido a ter o copista mal interpretado a abbreviatura de *por*; *mí* é aqui exigido pela rima, pelo que tambem introduzi essa mesma fórma nos v. 11 e 17, onde o codice igualmente tem *mī* — 9 *leixaſse*; cf. *veja* no v. 10 — 11—12 *camī praz.* (o resto do estribilho falta) — 17—18 *camī p̄z.* (o resto do estribilho falta).

II. 473. *vo(s)* é dativo éthico. A queda do *s* ou *r* finaes antes de *lhe* ou *lhes* é mais rara do que antes de *lo, la* etc. (cf. v. 129).

475. O futuro e o condicional de *vīir* (= vir) são *verrey* e *verria* (cf. *terrey*, v. 422). Vid. v. 546. Assim tambem de *avīir*: *averrey* (v. 784).

476. *praz mi por veer* = agrada-me ver, gósto de ver.

487. *prouguér* (< **placuĕrit*), subj. fut. de *prazer*; o perf. é *prougue* (v. 1011).

26.

Disse, amigas, don J[o]an Garcia
que, por mi non pesar, non morria.
Mal baratou, porque o dizia,
ca por esto [o] faço morrer por mí;
e vistes vós o que s' enfengia:
demo lev' o conselho que á de sí!

El disse ja que por mí trobava,
ar enmentou-me, quando lidava.
Seu dano fez que se non calava,
ca por esto o faço morrer por mí;
sabedes vós o que se gabava:
demo lev' o conselho que á de sí!

El andou por mí muyto trobando
e, quant' avia, por mí o dando
e nas lides me ja enmentando,
e por esto o faço morrer por mí,
pero se muyto andava gabando:
demo lev' o conselho que á de sí!

I. V 354. — 1 *Diſsey.* Deveremos, por ventura, ler *Diss', ay amigas, don Jan Garcia?* Veja-se v. 586 — 4 *eſtó faç o* — 8 *en mē toume* — 10 *fazo* — 12 *que á de sí* falta — 12 e 18 *conselho] oſselho.* Confundiu-se a sigla 9 com *o* 13 *El andou* Mon] *C landou* — 15 *en mētando.*

II. 492. *baratar mal* = fazer maus negocios, tratar mal de seus interesses.

495. *demo leve . . .*, periphrase muito usada para designar uma quantidade minima: = não sabe nada aconselhar-se a si, não tem nenhum juizo.

497. *enmentar* = mencionar; *lidar* = pelejar, *lide* (v. 504) = peleja.

27.

Fostes, amig', oje vencer
na voda en bafordar ben...
todo-los outros, e praz-m' en;
ar direy-vos outro prazer:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mh-alevo toda.

E, poy-los vencedes assí,
nunca devian a lançar
vosc', amigo, nen bafordar;
ar falemos logo de mí:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mh-alevo toda.

E muyto mi praz do que sey,
que vosso bon prez verdad' é,
meu amigo, e, per bõa fe,
outro gran prazer vos direy:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mh-alevo toda.

A toda-las donas pesou,
quando me viron sigo estar,
e punharon de s' afeytar;
mays praza-vos de como eu vou:
alevad' o parecer da voda;
per bõa fe, eu mh-alevo toda.

I. V 355. — 2 e 3 estão escritos numa linha só — 2 *en* Mon] *eu* — 6 *boa* — *mha leuo* — 7 *poylus* — 8 *lanzar* — 10 *loguo* — 11 e 12 *aleua do pare* (o resto do estribilho falta) — 14 *p'z* — 15 *boã* — 17 e 18 *aleua do pa.* (o resto do estribilho falta) — 20 *viron] ui cõ* — 22 *eu* (?)] *en* — 23 e 24 *aleua* (o resto falta).

II. 508. *Fostes vencer* = vencestes: cf. v. 415.

509. *voda* (a graphia moderna *boda* é baseada na pronuncia do Norte de Portugal e em etymologias erroneas: cf. Bluteau, Elucidario, e ainda Cortesão, Add.) parece ter aqui o sentido mais geral de „festa, jogos festivaes."

bafordar = jogar da lança (cf. Elucid., s. v. *Bafordar* e *Bufurdio*).

510. *praz mi de* = *agrada me*; cf. v. 476 e *pesa mi de*, v. 315.

512. *alevar* ou *levar* (v. 1014) = levantar; *parecer* = semblante, rosto.

528. *punhar* (< *pugnare*) *de* = tratar de, esforçar-se por.

afeytar = enfeitar.

28.

Chus mi tarda, mhas donas, meu amigo
que el migo posera,
e crece-m' end' ũa coyta tan fera
que non ey o cor migo,
e jurey ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Quand' el ouv' a fazer a romaria,
pôs-m' un dia talhado
que vẽesse, e non ven, mal pecado!
Oje se compre o dia,
e jurey ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Aquel dia que foy de mí partido,
el mi jurou chorando
que verria, e pôs-mi praz' e quando:
ja o praz' é saido,
e jurey ja que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

I. V 356. — 1 e 2 estão numa só linha, bem como 3 e 4 — 3 *ecreze mendunha* — 5 *e jurey] cuirey* — 6 *ren* Mon] *ten* — 7 *romaria* Mon] *tomaria* — 9 *que vẽesse e* (?)] *q̄uyſse* está no fim da linha precedente. O êrro do copista se explicaria por terminar um dos versos do estribilho em *visse*. Mas seria igualmente admissivel a emenda *que o visse, e* — 10 *oieſse cõ p'o dia* está no fim da linha precedente — 11 *cuirey ia q̄ ata* (o resto do estribilho falta) — 15 *q̄uerria* está no fim da linha precedente — *epoysmi p̄ze* — 17 *cuirey ia ata.* (o resto falta).

II. 532. *chus*, por *mais*, é raro nos Canc.

533. *poséra* = tinha combinado, fixado.

534. *crece* = nasce; *crecer* se conjuga como *guarecer* (v. 184).

535. *cór* = conhecimento de si. D'ahi *acordar-se* = tornar a si **V** 432, 4; *acordado* = com conhecimento de si **CM** 83, 11; *desacordado* = sem sentidos **V** 489, 10.

536—37. *jurar que* com o subj.: é construcção muito commum.

atá (= até): é assim que se deve accentuar, pois se encontra tambem *ta*, por ex. **V** 901, 14 e 21, e *atá* rima com *ja* e *alá* **CM** 203, 5.

538. *aver a* = ter de.

539. = combinou comigo, indicou-me um dia certo.

540. *mal pecado* = por desgraça. Cf. v. 46.

541. *comprir* = encher, cumprir, vencer-se.

544. *foy partido* = *se partiu*. Cf. *foy nada*, v. 425.

29.

Cada que ven o meu amig' aquí,
diz-m', ay amigas! que perd' o [seu] sen
por mí, e diz que morre por meu ben;
mays eu ben cuydo que non est assí;
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

El chora muyto e filha-s' a jurar
que é sandeu e quer-me fazer fis
que por mí morr', e, poys morrer non quis,
muy ben sey eu que á ele vagar:
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

Ora vejamos o que nos dirá,
poys vẽer viv' e poys sandeu non for!
Ar direy-lh' eu: „Non morrestes d' amor!"
Mays ben se quite de meu preyto ja:
ca nunca lh' eu vejo morte prender,
nẽ-no ar vejo nunca ensandecer.

E ja mays nunca mi fará creer
que por mí morre, ergo se morrer.

I. V 357. — 3 *pormi* está no fim da linha precedente — 6 *ne no* — 12 falta — 13 *ueia mus* — 14 *ueher* — 17 *ca nuncalhi ueio morte p̄der*; cf. os v. 5 e 11 — 18 falta.

II. 550. *cada que* = cada vez que.

556. *filhar-se a* = pôr-se a.

557. *fazer fis* = convencer; *fis* = convencido, certo: palavra tirada do antigo francez ou provençal.

559. *á vagar* = não tem pressa.

565. *quitar-se* = tirar-se, livrar-se. O sentido da phrase será „evite minha conversa"? ou „defenda-se de minha censura"?

569. *ergo* = excepto.

30.

Per bõa fe, meu amigo,
muy ben sey eu que m' ouvestes
grand' amor e estevestes
muy gran sazon ben con migo;
mays vede-lo que vos digo:
ja çafou!

Os grandes nossos amores,
que mí e vós sempr' ouvemos,
nunca lhi cima fezemos
como Brancafrol e Flores;
mays tempo de jogadores
ja çafou!

Ja eu faley en folia
con vosqu' [e] en gran cordura,
e en sen e en loucura,
quanto durava o dia;
mays esto, Joan Garcia,
ja çafou!

E d' essa folia toda
ja çafou!
Ja çafo[u] de pan de voda,
ja çafou!

I. V 358. — Os versos 1 a 5 estão distribuidos por 4 linhas, acabando a 1ª com *mui bẽ*, a 2ª com *grandamor*, e a 3ª com *bem* — 1 *boa* — 3 *esteuedes* — 4 *comigo* — 7 *uoſsꝙ* — 10 *coma* — 17 *esto, Joan Garcia] esta hi don Jam g'çia.* Ou poderemos ler *est', ay don Jan Garcia?* Veja-se v. 490 — 19 Ou *Ed essa?* — 20 *zafou* — 21 *çafode.* Talvez *çafou o?*

II. 575. *çafar* (graphia moderna *safar*, hesp. *zafar*) aqui = acabar.

577. *mí e vós* na funcção de sujeito: vid. v. 106.

578. *lhi* plural, como V 685, 24; B 14, 28. Porem *lhis* v. 593.

fazer cima a = dar fim a: cf. V 1142, 10 *dar cima a* = levar a cabo; CM 264, 8 *dar maa cima* = dar mau fim.

579. *Brancafrol e Flores*, amantes celebres mencionados tambem por D. Denis: cf. CD, nota relativa ao v. 699, e A II, pag. 413.

588. A respeito da fórma problematica *ed* (= e), veja-se meu artigo „*Zu Text und Interpret. des Canc. da Aj.*", pag. 374.

31.

Estas donzelas que aquí demandan
os seus amigos que lhis façan ben,
querrey, amigas, saber ũa ren:
que [é] aquelo que lh' e[le]s demandan?
Ca un amigo que eu sempr' amey
pediu-mi cinta, e ja lh' a er dey;
mays eles cuydo que al lhis demandan.

O meu seria perdudo con migo
por sempr', amigas, se mi pediss' al;
mays pedir cinta non é nulho mal,
e por aquesto non se perdeu migo;
mays, se m' el outra demanda fezesse,
Deus me cofonda, se lh' eu cinta desse!
e perder-s'ia ja sempre [con] migo.

May-la donzela que muyt' á servida
o seu amigo, (esto lh' é mester)
dé-lhi sa cinta, se lhi dar quiser,
se entender que a muyto á servida;
mays, se x' el quer outro preyto mayor,
maldita seja quen lh' amiga for
e quen se d' el tever por [ben] servida!

E de tal preyto, non sey end' eu ren;
mays, se o ela por amigo ten,
non lhi trag' el lealdade comprida.

I. V 359. — 1 A estrophe ganharia em clareza, se lêssemos *As* (ou *Das*) *donzelas a que*. Porem esta consideração não me parece sufficiente para mudarmos o texto — 3 *hunha* — 4 Tambem se póde emendar assim: *que [será] aquelo que lhes demandan* — 6 *erdey* — 7 *alhis*; cf. v. 112 — 8 *comigo* — 10 *nulho(?)] nulha* — 13 *đs* — 14 Tambem se póde supprir a syllaba que falta ao verso, lendo *e perder-s'ia [el]* — 15 *donçela* — *f'uido* — 20 *maldica* — 21 Ou *e quen se d' ele tever por servida?* — 22 *p'yto* — 24 *9p'ida*.

II. 594. *querrey saber* se diz em lugar de *quero saber*, para indicar que a acção expressa pelo infinitivo *saber* pertence ao futuro. Esta attracção do tempo é bastante commum nos Canc.

595. *lh'* plural, como nas fórmas *lh'o* (**V** 538, 10; 627, 4; **B** 335, 13) e *lh'a* (**B** 200, 28; 252, 18), ainda hoje usuaes. Cf. v. 578.

597. *ér* = *ar*: cf. v. 81.

606. *á servida*: é de regra a concordancia do participio passado com o objecto directo; cf. v. 609.

615. *trager* = ter, guardar.
comprido = perfeito.

32.

Fez meu amigo gran pesar a mí,
e, pero m' el fez tamanho pesar,
fezestes-me-lh', amigas, perdõar,
e chegou oj', e dixi-lh' eu assí:
«Vïide ja, ca ja vos perdõey;
mays pero nunca vos ja ben querrey.»

Perdõey-lh' eu, mays non ja con sabor
que [eu] ouvesse de lhi ben fazer;
e el quis oj' os seus olhos merger,
e dixi-lh' eu: «Olhos de traedor,
vĩide ja, ca ja vos perdõey;
mays pero nunca vos ja ben querrey.»

Este perdon foy de guisa, de pran,
que ja mays nunca mig' ouvess' amor,
e non ousava vĩir con pavor;
e dixi-lh' eu: «Ay cabeça de can!
vĩide ja, ca ja vos perdõey;
mays pero nunca vos ja ben querrey.»

I. V 360. — 3 *perdoar* — 5 *mınde* — *perdoey* — 7 *Perdoey* — 8 *eu* antes de *ou* **podia ser omittido facilmente** — 11 *mınde* — *pdoey* — **12 falta** — 14 *nũca-migouue ſamor* — 15 *uijr*. **Podia-se ler tambem** *ousav' a vĩir* — 17 *uijde* — *pdoei*. — **18 falta.**

II. 620. *vĩíde* < *vẽíde* < *venīte*, **como** *vĩír* (v. 630) < *vẽír* < *venīre*; *vĩíde* **deu depois** *vĩíde* > *vinde*, **ao passo que** *vĩír*, **com perda da nasalação,** > *vir*.

621. *pero* = **nem por isso.** Em locuções como a presente é que *pero* (bem como o moderno *porem*) adquiriu sua força adversativa.

624. *merger* = **levantar:** cf. C. Michaëlis **na** *ZfRPh* **XXV, pag. 673, e V 1047, 5; CM 38, 11;** *merjudo* = levantado, **CM 31, 5; 47, 4; V 1039, 20** (o codice tem *merpago*). **Porem** *merger* = **submergir CM 142, 8; 366, 9; 371, 8.**

33.

Fez meu amigo, amigas, seu cantar,
per bõa fe, en muy bõa razon
e sen enfinta, e fez-lhi bon son;
e ũa dona lh' o quiso filhar;
mays sey eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ũa vez.

Tanto que lh' eu este cantar oí,
logo lh' eu foy na cima da razon
por que foy feyt', e ben sey por que non;
e ũa dona o quer pera sí;
mays sey eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ũa vez.

Ẽ-no cantar muy ben entendí eu
como foy feyt', e entendí por quen (?),
e o cantar é guardado muy ben:
e ũa [dona] o teve por seu;
mays sey eu ben por quen s' o cantar fez,
e o cantar ja valria ũa vez.

I. V 361. — 2 *boa* — *boa raçon* — 4 *hunha* — 6 *ual rria hunha* — 8 *çuna da raço* — 9 *pr quẽ* — *po' q̄ no* — 10 *huā* — 12 falta — 13 *E no* — 14 *como foy feyte bẽ como po' bẽ* — 15 *eg̃rdado* — 16 *huā o reue* — 17 *may soy eu.* (o resto do estribilho falta).

II. 635 e 636. *razon* é o texto ou assumpto, *son* a melodia da cantiga.

636. *enfinta* parece ser aqui = fingimento. Cf. **CD**, no Glossario.

637. *quiso* 3ª sing. perf., fórma menos usada que *quis.*

639. *valrey* e *valria*, futuro e condicional de *valer.* Fórmas recompostas (cf. v. 422) se encontram **V** 655, 3: *valeredes*; **B** 26, 15: *valerá.*

641. *foy na cima de*, aqui evidentemente = descobri, comprehendi. Cf. v. 578.

34.

„Foy-s' ora d' aquí sanhud[o],
amiga, o voss' amigo."
„„Amiga, perdud' é migo,
e, pero migu' é perdudo,
o traedor conhoçudo
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá."

„Amiga, desemparado
era de vós e morria."
„„Sodes, amiga, sandia:
non foy en[d' el] muy coytado;
mays ele, mao seu grado,
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá."

„Amiga, con lealdade,
dizen que anda morrendo."
„„Vó-lo andades dizendo,
amiga, est' é verdade;
may-lo que chufan Guilhade
acá verrá,
cá verrá,
acá verrá."

I. V 369. — O copista, por engano, dividiu a 2ª estrophe, bem como a 3ª, em duas, repetindo depois da 3ª linha o principio do estribilho: *aca uerra.* na 2ª estrophe, e *aca.* na 3ª — 1 e 2 *fanhuda | miga* — 4 *migoie* (em vez de *migue* ou *migo e*, isto é *migo é*) — 6 *aea* — 7 *ea* — 8 *aea* — 9 *defenpado* — 10 *emorrera* — 11 *amiga] miuga* — 12 *foy end' el] fogeu.* Ou *foy ele?* — 14—16 e 22—24 *aca uerra. ca uerra.* numa só linha; o resto falta — 21 *gaylhade.*

II. 662. *sodes* (> *sois*) deve a origem á analogia de *somos.* É, provavelmente, transformação de *sedes*, que se encontra (**V** 306, 8; 433, 9; 472, 15; 689, 21 e 24; **B** 436, 1) ao lado de *seedes* (< *sedētis*) **V** 1190, 2. **A** 1ª plur. *semos* só **V** 1149, 5.

672. *chufar* = chamar (injuriosamente).

35.

Ay amigas! perdud' an conhocer
quantos trobadores no reyno son
de Portugal: ja non an coraçon
de dizer ben que soian dizer
[de vós] e sol non falan en amor, 680
e al fazen, de que m' ar é peor:
non queren ja loar bon parecer.

Eles, amigas, perderon sabor
de vos veeren; ar direy-vos al:
os trobadores ja van pera mal; 685
non á i tal que ja servha senhor
nen [que] sol trobe por ũa molher:
maldita sej' a que nunca disser
a quen non troba que é trobador!

Mays, amigas, conselho á d' aver 690
dona que prez e parecer amar:
atender temp[o] e non se queyxar
e leyxar ja a vó-lo tempo perder;
ca ben cuyd' eu que cedo verrá alguen
que se paga da que parece ben, 695
e veeredes ced' amor valer.

E os que ja desemparados son
de vos servir, sabud' é quaes son:
leyxe-os Deus maa mor[te] prender!

I. V 370. — 2 *quantus trohadores* — 5 *de vós* não são palavras rigorosamente indispensaveis; mas explicar-se-ia que ellas cahissem no principio da linha, começando a seguinte por *e*, e as duas precedentes por *de* — 8 *pede*4 — 11 *q'* — 12 *huã* — 13 *maldita seja* Mon] *maldica sela* — 23 *deuo* — *quaes son* Mon] *q̃ es sou* — 24 *đs.*

II. 676. *conhocer* = conhecimento, entendimento.
678. *coraçon* = vontade.
679. *ben*: é muito commum a falta do artigo antes dum substantivo determinado por clausula relativa.
681. *de que m' é peor* = que eu lastimo mais.
686. *á i* = ha.
servha (< *serviat*) é a fórma normal, nos Canc., do subj. pres. de *servir*.
690. *conselho* = remedio.
697. *son desemparados de* = estão livres de, renunciaram a.

36.

Vẽestes, amigas, rogar
que fale con meu amigo
e que o avenha migo,
mays quero-m' eu d' ele quitar;
ca, se con el algũa ren falar,
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

Cabeça de can perdudo
é, poys non á lealdad' e
con outra fala en Guilhade,
e traedor conhuçudo;
e por est', amigas, [sey que] tudo
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

E, se lh' eu mhas dõas desse,
amigas, como soia,
a todo-lo el diria
e al, quanto m' el dissesse,
e fala, se a con el fezesse:
quant' eu falar con cabeça de can,
logo o todos saberán.

I. V 371. — 1 *Veeſtes* — 5 *algunha* — 7 *todas*; veja-se v. 17 — 9 *epoys* — 10 *outr̃* — 11 *cõhuçudi* — 12 *eſtamiga estudo*. Se fosse licito inverter a ordem de algumas linhas, obteriamos uma lição melhor dos v. 8 a 12: *E, poys non á lealdade | cabeça de can perdudo | e traedor conhuçudo, | con outra fala en Guilhade*; | *e por est', amiga[s, ſis] estade*: — 13 *cõ ca.* (o resto do estribilho falta) — 15 *doas* — 18 *eal quantou el.* Ou leremos *e quant' eu ou el*? — 20—21 *quanteu falar.* (o resto do estribilho falta).

II. 705. *cabeça de can*: cf. v. 631.
710. *conhuçudo* por *conhoçudo*; a mesma assimilação vocalica se encontra

em outras palavras: *fremusura* V 668, 18; B 232bis, 10; *curdura* V 690, 1; *acustumado* V 1094, 1.

711. *tudo*: vid. v. 42.

Tenções.

37.

„Lourenço jograr, ás muy gran sabor
de citolares, ar queres cantar,
des i ar filhas-te log' a trobar
e tẽes-t' ora ja por trobador;
e por tod' esto ũa ren ti direy:
Deus me cofonda, se oj' eu i sey
d' estes mesteres qual fazes melhor!"

„„Joan Garcia, sõo sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vós andades por mh-os desloar;
pero non sodes tan desloador
que con verdade possades dizer
que meus mesteres non sey ben fazer,
mays vós non sodes i conhocedor." "

„Lourenço, vejo-t' agora queyxar:
po-la verdade que quero dizer
metes-me ja por de mal conhocer;
mays eu non quero tigo pelejar,
e teus mesteres conhocer-t'os-ey,
e dos mesteres verdade direy:
ess' e[s] que foy con os lobos arar!"

„„Joan Garcia, no vosso trobar
acharedes muyto que correger,
e leyxade mí que sey ben fazer
estes mesteres que fuy começar.
Ca no vosso trobar sey-m' eu com' é:
i á de correger, per bõa fe,
mays que nos meus, en que m' ides travar." "

„Ves, Lourenç[o], ora m' assanharey,
poys mal i entenças, e ti farey
o citolon na cabeça quebrar!"

„ „Joan Garcia, (se Deus mi perdon!)
muy gran verdade digu' eu na tençon,
e vós fazed' o que vos semelhar.“ “

I. V 1104. — 1 e 15 *Lourenzo* — 4 *eteeſtora* — 5 *hunha* — 7 *mesteres* Mich.] *maeſtres* — 8, 22 e 32 *g'çia* — 8 *soo* — 13 está escrito em duas linhas, acabando a 1ª com *meſt'es* — 21 *eſse q̄ foy*, devido provavelmente á inadvertencia de um copista a quem parecia errado *eſses que foy*. Mich. leu *ess'é que foi* — 25 *comezar* — 27 *boā* — 28 *t'uar* — 29 *Ves lourēzora*. Hesito entre a lição acima, adoptada por Mich., e *Ves Lourenç', ora [ti]* — 30 *ti] todo*; Mich.: *te*. Poderiamos conservar *todo*, cancellando a letra *i* depois de *mal* e lendo *t' o* no principio da linha seguinte — 31 *cabe ca* — 32 *des*.

II. 721. *jograr* (< *jocularem*, provavelmente por intermedio do provençal) era „o villão que cantava e poetava“; *segrér* (< prov. *segrier*, cf. v. 788), „o escudeiro que cavalgava de côrte em côrte, aceitando paga da sua arte“ (C. Michaëlis; cf. **A** II, pag. 454, nota 2ª).

722. *citolar* = tocar a citola (especie de guitarra: cf. **A** II, pag. 640).

725. *ti* (< *tibi*), fórma átona com funcção de dativo; cf. *mi* v. 2.

729. *deantar* (*os mesteres*): com o mesmo sentido usam-se *levar a deante* **B** 441, 27, e *avantar* **V** 576, 10; 882, 3.

735. *vejo-te queyxar*, em vez de *vejo-te queyxar-te*: sendo o mesmo pronome pessoal objecto de um verbo e um infinitivo regido por este, não se põe nunca duas vezes. — *Veer* é aqui synonymo de *oir*, o que não é raro: cf. **CD**, v. 1309 e 1418 (onde Lang, apesar de a medida o vedar, trocou *vi* por *oí*).

736. *po-la* = *por la*, ao passo que *pe-la* = *per la* (cf. v. 70). Encontra-se tambem *pa-la* = *par la* **B** 380, 15, *pa-lo* **CM** 108, 2; pag. 569, 7.

737. *meter por* = considerar como.

741. *ir arar con os lobos*, locução proverbial que, segundo parece, quer dizer „agir tolamente, fazer o que nunca póde dar bom resultado“. Tem sentido semelhante *semẽar o sal* **V** 502, 7; 620, 22.

748. *travar en* = criticar, atacar.

750. *entençar* = *fazer tençon*.

751. *citolon*, augmentativo de *citola*: vid. v. 722.

754. *semelhar* = parecer.

38.

„Muyto te vejo, Lourenço, queyxar,
po-la cevada e po-lo bever,
que t' o non mando dar a teu prazer;
mays eu t' o quero fazer melhorar:
poys que t' agora citolar oí
e cantar, mando que t' o den assí
ben como o tu sabes merecer,“

„„Joan Garcia, se vos en pesar
de que me queyx[e] en vosso poder,
o melhor que podedes i fazer:
non mi mandedes a cevada dar
mal nẽ-no vĩo, que mi non dan i
tan ben com[o m'] eu sempre merecí;
ca vos seria grave de fazer.““

„Lourenço, a min grave non será
de te pagar tanto que mi quiser:
poys ante mí fezisti teu mester,
muy ben entendo e ben vejo ja
como te pagu', e logo o mandarey
pagar a [un] gran vilão que ey,
se un bon pao na mão tever.“

„„Joan Garcia, tal paga achará
en vós o jograr, quand' a vós vẽer;
mays outra que[rrá quen] mester fezer
qual m' eu entendo, e muy ben fará
que panos ou algo merecerey;
e vossa paga bẽ-na leyxarey,
e pagad' [end'] outro jograr qual quer!““

„Poys, Lourenço, cala-t' e calar-m'ey,
e toda via tigo mh-averrey,
e do meu filha quanto chi m' eu der!“

„„Joan Garcia, non vos filharey
algo, e muy ben vos citolarey,
[e cantarey ben com' outro segrer].““

I. V 1105. — 1 e 29 *lourenzo* — 6 *ecantar* está no fim da linha anterior — 8, 22 e 32 *g'çia* — *en* Mich] *eu* — 9—10 A lição acima é de Mich.; V tem *q̄ixen* e *melh*9. Poderiamos ler tambem *de que me queyx', é en vosso poder | o melhor* etc. — 12 *neno uinho* — 13 *comeu sempr̄*; Mich *com'eu o sempre* — 15 *Lourenzo* — 17 Mich. colloca a virgula depois de *muy ben*, o que não está de accôrdo com o fim da estrophe — 20 *un* Mich — *uilaõ* — 21 *maõ* — 23 *ueher* — 24—25 *mays out˜ q̄ meſt' fezer | q̄ meu entenda mui bẽ fara*; Mich *mais outren a quen meu mester fezer, | que me entenda, mui ben me fará* (o que só me parece aceitavel se substituirmos *quen, me entenda* e *mui* por *que, m' entenda* e *muito*). Proponho ainda est'outra emenda: *mays outr' a que eu meu mester fezer | entenderá (e muy ben i fará)* — 27 *bena* — 28 *epagadoutro*; Mich *e pagad'a outro.* Explica-se facilmente a omissão de *ēd* depois de *ad* — 30 *mho au'ey*, o que não satisfaz nem o sentido nem a medida do verso — 33 *algue* — 34 *e conhoſco mui bẽ trobar | am far don lourenzo chufar*; Mich *e conhosco-me mui ben a trobar. |*

„*A mofar, Don Lourenç', e a chufar.*“ Parece-me mais provavel que tenhamos ahi dois octossyllabos[1]), pertencentes a outra cantiga hoje perdida, e que vieram a substituir o verso final da nossa. As regras metricas pedem um decassyllabo que rime em *ér*; se não fosse vedada a repetição da mesma palavra na rima, poderiamos ler: *e conhosco muy ben o meu mester.*

II. 756. *cevada e bever*, i. e. pão e vinho (v. 766); cf. **A II, pag. 641.**

765—68. Parece que o verdadeiro sentido deve ser: „Não me mandeis dar nem pão nem vinho, pois vos seria difficil dar-me quanto mereço.“ *Grave* = difficil se encontra tambem v. 1104.

773. *pagu'* = *pague.* O emprêgo do subjunctivo como no v. 404.

779—80. *fará* (o sujeito é *qual*) *que* = este meu mester fará com que. *panos ou algo* = roupa ou dinheiro.

784. *toda via* = sempre.

785. *filha* é imperativo.

788. *outro* é empregado como no v. 423.

Cantigas d' escarnho e de maldizer.

39.

Lourenço, poys te quitas de rascar
e desemparas o teu citolon,
rogo-te que nunca digas meu son,
e ja mays nunca mi farás pesar;
ca per trobar queres ja guarecer,
e farás-m' ora desejos perder
do trobador que trobou do Vincal (?).

Ora cuyd' eu [a] cobrar o dormir,
que perdí sempr', e cada que te vi
rascar no cep' e tanger, non dormí;
mays, poy-lo queres ja de tí partir,
poys guarecer [ja queres] per trobar,
Lourenço, nunca irás a logar
u tu non faças as gentes riir.

E ves, Lourenço, (se Deus mi perdon!)
poys que mi tolhes do cepo pavor
e do rascar, farey-t' eu sempr' amor,
e tenho que farey muy gran razon;

1) Sua fórma primitiva será *e conhosco muy ben trobar | e mofar, Lourenç', e chufar*? ou, por ventura, *e con vosco meu bon trobar | me faz don Lourenço chufar*? Na primeira hypothese, estes versos poderiam ser de Guilhade; na segunda, pertenceriam ao proprio Lourenço.

e direy-ti qual amor t' eu farey:
ja mays nunca teu cantar oirey
que eu non rija muy de coraçon.

Ca ves, Lourenço, muyto mal prendí
de teu rascar e do cep' e de tí;
mays, poys t' en quitas, tudo ti perdon.

I. V 1106. — 1 *Lourenzo* — 5 *laguarecer* — 7 *do uincal* — 8 *trobar e dormir* — 10 *enõ dormir* está no principio da linha seguinte — 11 *ꝑtir* — 12 *guarezer;* minha restituição do texto é conjectural — 13 e 22 *lourenzo* — 15 *E eues* — *ðs* — 16 *çepe* — 17 *ede cantar*; cf. 20 — 22 *apndy* — 23 *iaſcar.*

II. 789 e 798. *rascar no cepo,* expressão desdenhosa por *tanger a citola.*

793. *guarecer per* = manter-se com, viver de.

795. Allude-se aqui, evidentemente, a um personagem notorio como mau trovador. Supponho ser *o Vincal* nome geographico, que se derivaria naturalmente do lat. *vinca* (d'onde *avenca*; cf. *vengar* e *menguar* ao lado de *vingar* e *minguar*).

796. *cuydar* (= crer) rege infinitivo com a preposição *a* ou sem ella.
cobrar = recuperar.

809. *rija* (< *rīdeam*) está de accôrdo com *veja* e *seja*; mas não se encontra, que eu saiba, em nenhum outro lugar.

812. *perdon*: a fórma normal, na lingua dos Canc., para a 1ª sing. ind. pr. de *perdõar* devia ser *perdõo* (< *perdono*; a moderna *perdôo* é analogica), d'onde proviria *perdon*, quer por contracção (cf. o moderno *bom* < *bõo*) ou por analogia de *son*, existente ao lado de *sõo* (v. 379).

40.

Ora quer Lourenço guarir,
poys que se quita de rascar,
e ja guarria, a meu cuydar,
se ora ouvesse que vestir;
[may-las gentes non lhi dan ren,]
e ja nulh' ome non se ten
por devedor de o ferir.

E, se se quisesse partir,
como se partiu do rascar,
d' un pouco que á de trobar,
poderia muy ben sair
de todo por se quitar en
oj', e nõ-no ferrán por en
os que o non queren oir.

E seria conhocedor
de seu trobar, por non fazer
os outros errados seer,
e el guarria muy melhor
sen trobar e sen citolon,
poys perdeu a voz e o son,
por que o ferian peyor.

I. V 1107. — 1 *lourenzo* — 3 *fe ia guariria* — 5 falta; minha restituição é puramente conjectural — 6 *nullome* — 7 *por* está no fim da linha anterior — 13 *ou no no* — 18 *mẽlhor*.

II. 813. *guarir* aqui, segundo parece, = viver socegadamente.

815 e 825. Futuro de *guarir* e *ferir*: *guarrey* e *ferrey*; condicional: *guarria* e *ferria*. Fórmas recompostas (cf. v. 422): *guarirá* **V** 829, 18; *ferirá* **B** 399, 19.

818—19. O sentido deve ser: „todos se julgam com o direito de dar pancada nelle."

833. *por que* = por cuja causa.

41.

Martin jograr, que gran cousa!
Ja sempre con vosco pousa
vossa molher!

Ve[e]des-m' andar morrendo,
e vós jazedes fodendo
vossa molher!

Do meu mal non vos doedes,
e moyr' eu, e vós fodedes
vossa molher!

I. V 1101.

II. 837. *Veedes*: cf. v. 63.

42.

Martin jograr, ay dona Maria!
jeyta-se vosco ja cada dia,
e lazero-m' eu mal.

And' eu morrend' e morrendo sejo,
e el ten sempr' o cono sobejo,
e lazero-m' eu mal.

Da mha lazeyra pouco se sente:
fod' el bon con[o] e jaz caente,
e lazero-m' eu mal.

I. V 1102.

II. 844. *jeytar* (tambem v. 1038) = *deytar*, que nos Canc. já é a palavra mais usada.

845. *lazerar* = padecer, soffrer pena; *lazeyra* (v. 849) = soffrimento, miseria.

850. *caente* (< *calentem*) > *queente* > *quente*. **B** 378, 1 *caentura* = febre (= hesp. *calentura*).

43.

Par Deus, Lourenço, muy desaguisadas
novas oí agor' aquí dizer:
mhas tenções quiseran desfazer
e que ar fossen per tí amparadas.
Joan Soarez foy; e di-lh' assí:
que louv' eu donas, mays nunca per mí,
mentr' eu viver, serán amas loadas.

E, se eu fosse u fôron escançadas
aquestas novas de que ti faley,
Lourenço (gran verdade ti direy),
toda-las novas fôran acaladas.
Mays min e tí poss' eu ben defender:
ca nunca eu donas mandey tecer,
nen lhis trobey nunca po-las maladas.

Cordas e cintas muytas ey eu dadas,
Lourenç', a donas, e elas a mí;
mays pero nunca con donas tecí,
nen trobey nunca por amas onradas.
Aas que me criaron, dar-lhis-ey
sempr' en que vivan e vestí-las-ey,
e serán donas de mí sempr' amadas.

Lourenço, di-lhe que sempre trobey
por bõas donas e sempr' estranhey
os que trobavan por amas mamadas.

I. B 374. — 1 e 10 *Lourenco* — 3 *desfazer* Mich] *deffazer* — 4 e 6 *p* (Mich. leu erradamente *por*) — 8 *fo*$_4$ (Mich leu *foran*) — 12 *Mays a mī eatı*; Mich *a mi e a ti*, sobrando ainda assim uma syllaba ao verso — 14 *polos* — 15 *e* Mich] *o* — 16 *Lourenca* — *mī* — 18 *onradas* — 19 *Mays q̄ me criarō*; Mich *As que me criarem*.

II. 856. *di* (< *dīc*), imperat. de *dizer*.

857. *dona* corresponde ao medio alto allemão *frouwe* (= dama nobre).

859 e 862. *fôron* (< *fuĕrunt*) é perfeito; *fôran* (< *fuĕrant*) é plusquamperfeito, tendo aqui valor de condicional. Essas fórmas são ainda distintas na lingua dos trovadores, se bem que os copistas as confundam ás vezes.

859. *escançar* aqui, evidentemente, = dar sahida a, divulgar. O vocabulo liga-se a *escançon*, escanção (cf. Elucid. e Bluteau). É a opinião de C. Michaëlis.

862. *acalar*, evidentemente, = fazer calar, reduzir ao silencio (assim C. Michaëlis). D'ahi foi derivado, segundo toda a probabilidade, o verbo *acalentar* (= *puellum in sinu consopire* Bluteau).

865. *malada* = criada: veja-se C. Michaëlis, *Randgl.* I, pag. 70.

869. Sobre *amas onradas* e os privilegios (*honras*) que se concediam ás amas dos filhos de ricos-homens, vejam-se Elucid., s. v. *Amadigo*, e C. Michaëlis, *Randgl.* I, pag. 22—24.

871. *sempr' en que* = emquanto.

872. A posição do sujeito *donas* dá emphase a esta palavra e fôrça adversativa á conjuncção *e*: = mas a quem amarei sempre, são damas nobres.

44.

Don Foan disse que partir queria
quanto lhi deron e o que avia;
e dixi-lh' eu, que o ben conhocia:
„Castanhas eyxidas e velhas per souto!"

E disso-m' el, quando falava migo:
„„Ajudar quero senhor e amigo."
E dixi-lh' eu: „Ess' é o verv' antigo:
castanhas eyxidas e velhas per souto!"

E disso-m' el: „„Estender quer' eu mão,
e quer' andar ja custos' e loução."
E dixi-lh' eu: „Esso, ay don Foão —
castanhas eyxidas e velhas per souto!"

I. B 375. — 8 *Castanhas saydas* (o resto do estribilho falta) — 9 *maõ* — 10 *loucaõ* — 11 *foaõ* — 12 *Castanhas faydas* (o resto falta).

II. 877. *foan* e *foão* (v. 886) = fulano. Sobre o êrro commettido por alguns editores, que veem nessa palavra o nome *Joan*, vid. **A** II, pag. 395, n. 2; pag. 562, n. 2.

partir: cf. **V** 784, 1 *Partir quer migo mha madr' oj' aquí | quant' á no mundo.*

879. *eyxidas* (< *exītas*), synonymo de *saidas*, que, provavelmente por engano, o veio a substituir na repetição do estribilho: supponho que ambos estes termos querem dizer „extraviadas". O sentido da locução proverbial é evidentemente: haveres de nenhum valor.

880. *disso* 3ª sing.; é menos usado que *disse*.

882. *vervo* = proverbio.

885. *custoso* = gastador, generoso.

45.

Vi eu estar noutro dia
infanções con un ricome,
posfaçando a quen mal come;
e dix' eu, que os ouvia:
„Cada casa favas lavan."

Posfaçavan d' un escasso,
[e] foy-os eu ascuytando;
eles fôron posfaçando,
e dixi-m' eu pass' e passo(?):
„Cada casa favas lavan."

Posfaçavan d' encolheyto
e de vil e de spantoso
e en sa terra lixoso:
e dix' eu enton dereyto:
„Cada casa favas lavan."

I. B 376. — 2 *Infanções* no fim da linha anterior — 3 *posfacādo* (no fim da linha anterior) *De quen.* Lendo-se assim, sobra uma syllaba — 8 *posfacādo* — 9 *pass' e passo* Mich] *pasfen pasfo* — 10 *Cada casa* (o resto do estribilho falta) — 11 *Posfacauā* — 13 *tirā* — 14 *dizeu* — 15 *Cada* (o resto falta).

II. 889. *ricome* = rico-homem.

890. *posfaçar* = fazer maus conceitos, falar mal; não é raro o termo nos Canc. (cf. ainda Canc. Gall., no glossario). O substantivo *posfaço* (= má fama, mau conceito) se encontra **CM** 64, 8 (o glossario tem *posfaz*, em vez de *posfaç'*).

892. Bluteau, s. v. *Fava*, cita o adagio: „Em cada casa comem favas, e na nossa ás caldeiradas," cujo sentido não se afasta muito do nosso.

896. *passo* = de vagar, é termo commum; mas não conheço exemplo de *pass' e passo.*

898. *encolheyto* = encolhido: *colheyto* < *collectum*, influenciado por *colher* < **colligēre.*

46.

Par Deus, infançon, queredes perder
a terra, poys non temedes el rey!
Ca ja britades seu degred', e sey
que lh' o faremos muy cedo saber:
ca vos mandaron a capa, de pran,
trager dous anos, e provar-vos-an
que vo-la viron tres anos trager.

E provar-vos-á das carnes quen quer
que duas carnes vos mandan comer,
e non queredes mays d' ũa cozer:
e no degredo non á ja mester
nen ja da capa non ey a falar:
ca ben tres anos a vimos andar
no vosso col' e de vossa molher.

E fará el rey côrte este mes,
e mandarán vós, infançon, chamar,
e vós querredes a capa levar,
e provarán-vos, pero que vos pês,
da vossa capa e vosso gardacós —
en cas del rey vos provaremos nós
que an quatr' anos e passa per tres.

I. V 1103. — 1 *Deus* Mich.] *den* — *infanzon* — 3 *britades* Mich.] *birtades* — 6, 7 e 13 *anos* Mich.] *auo* — 10 *uos dunha*: parece-me que o sentido exige a emenda *mays* por *vós* — 11 *eno degʲdo*. A lição acima só fórma sentido, se subentendermos *falar* depois de *mester*. Mas talvez seja melhor emendar: *e o degredo* — 14 *de vossa* Mich.] *deuefsa* — 16 *e mandarán* Mich.] *emãdam* — *infanzõ* — 19 *e vosso* Mich.] *edo uofso* — 20 *en cas* Mich.] *emas* — 21 *p* (Mich. leu *por*).

II. 903—4. *perder a terra* = ser desterrado.

905. *britar seu degredo* = violar seu decreto. A palavra *degredo* (< *decretum*) restringiu singularmente a sua significação, quando, mais tarde, assumiu o sentido de destêrro.

920. *pero que* = ainda que.

pês: vid. *perdon*, v. 2.

921. *gardacós* ou *guardacós* = „vestia, roupinhas, ou casáca, que apertava o corpo, e o guardava" (Elucid., onde se veja o artigo inteiro). A fórma dupla indica origem estrangeira: presumo que de uma palavra provençal *guarda-cors*.

47.

Nunca [a]tan gran torto vi
com' eu prendo d' un infançon,
e, quantos ẽ-na terra son,
todo-lo tẽen por assí:
o infançon, cada que quer,
vay-se deytar con sa molher
e nulha ren non dá por mí.

E ja me nunca temerá,
ca sempre me tev' en desden;
des i ar quer sa molher ben,

e ja sempr' i filhos fará;
se quer tres filhos que fiz i
filha-os todos pera sí:
o demo lev' o que m' en dá!

En tan gran coyta vivọ oj' eu
que non poderia mayor:
vay-se deytar con mha senhor
e diz do leyto que é seu,
e deyta-s' a dormir en paz,
des i, se filh' ou filha faz,
nõ-no quer outorgar por meu.

I. V 1108. — 2 e 5 *infanzon* — 3 *ena* — 4 *teen* — 7 *mī* — 10 *sa] afsa*, i. e. *a sa*, com o que sobraria uma syllaba — 21 *nono*.
II. 924. *torto* = injustiça.
935. *se quer* = até mesmo. Com igual sentido *si quer* v. 1014. Cf. v. 340.
939. *que non poderia mayor*, locução corrente, = a maior possivel.

48.

A don Foan quer' eu gran mal,
e quer' a sa molher gran ben;
gran sazon á que m' est' aven,
e nunca i ja farey al;
ca, des quand' eu sa molher vi,
se pudi, sempre a serví
e sempr' a ele busquey mal.

Quero-me ja mãefestar,
e pesará muyt' [a] alguen;
mays, se quer que moyra por en,
dizer quer' eu do mao mal
e ben da que muy bõa for,
qual non á [no] mundo melhor:
quero-[me] ja mãefestar.

De parecer e de falar
e de bõas manhas aver
ela, nõ-na póde vencer
dona no mund', a meu cuydar;
ca ela fez Nostro Senhor,
e el fez o demo mayor,
e o demo o faz falar.

E, poys ambos ataes son
como eu tenho no coraçon,
os julgu' aquel que pód' e val.

I. V 1110 (v. 1 a 5) e **B 373.** — 1 **V** *faam*, **B** *foam* — 8 e 14 *maenfestar* — 9 *muytalguẽ* — 12 *boã* — 13 *no a* — 15 *falar] saber*; cf. as rimas nas outras estrophes — 16 *boãs* — 17 *nona* — 19 *ẽla* — 23 *nõ*.

II. 947. *aven* = acontece: inf. *avĩr*; cond. *averria* (v. 1039).
950. *pudi* (< *potui*), muito usado ao lado de *pude*.
951. *buscar* = causar, tratar de fazer.
952. *mãefestar* (= confessar), tetrassyllabo, < *manifestare*.
954. *se quer que* = ainda que.
960. *manha* = arte, faculdade, prenda.
963 e 964. *El* (ou *ele*), *ela*, *eles*, *elas* são frequentemente usados na funcção de objecto sem preposição; são, porem, sempre emphaticos neste caso. E nisso differe o portuguez antigo da actual linguagem familiar e popular do Brasil, onde se diz „conheço elle" com o mesmo sentido que tem em Portugal „conheço-o."
968. *aquel que pód' e val*, periphrase bastante usada do nome de Deus: cf. **CD**, no glossario, s. v. *poder*. *Aquel*, muito mais usado nos Canc. que *aquele*, parece ser originariamente fórma antetonica; cf. *el* (v. 8).

49.

Un cavalo non comeu
á sex meses nen s' ergeu;
mays proug' a Deus que choveu,
creceu a erva,
e per cabo s' i paceu
e ja se leva.

Seu dono non lhi buscou
cevada nẽ-no ferrou;
may-lo bon tempo tornou,
creceu a erva,
e paceu e arriçou
e ja se leva.

Seu dono non lhi quis dar
cevada nẽ-no ferrar;
mays cabo d' un lamaçal
creceu a erva:
foy pacer e arriçar
e ja se leva.

I. V 1098. — 2 Será *sex* graphia latina por *seis*? — 4 *e crezeu* (sobra uma syllaba) — 8 e 14 *neno* — 10 *e creçeu* — 15 Deveremos mudar *lamaçal* para *lamaçar*? Veja-se pag. 16, n. 1 — 17 *epaçeu e arrizou* passou, por engano dum copista, da 2ª estrophe para esta. Minha restauração é conjectural.

II. 973. *per cabo* = por fim.

979. *arriçar* (ou *arrizar*?) = adquirir força, vigor. Cf. *arriçar* = dar vigor a, instigar **V** 994, 8; *arrizado* = vigoroso, robusto **V** 980, 3; **B** 383, 14; 439, 3 e 15; **CM** 31, 6; 88, 5; 205, 4; 312, 3; *enriçado* = instigado, açulado? ou = vigoroso? **V** 1002, 25; *riçado* = robusto, Canc. Gall., v. 422. No seculo XVII *arriçar* (vid. Bluteau) é synonymo de *eriçar*; hoje, segundo Cortesão, *arriçar-se*, na linguagem popular, = namorar, galantear.

983. *lamaçar* seria fórma admissivel, pois a troca do suffixo *-al* por *-ar* seria motivada pelo *l* inicial; porem não conheço outro exemplo dessa fórma, e a rima *ar*: *al* se encontra tambem v. 789—92—95 e v. 952—55—58.

50.

Ay dona fea! fostes-vos queyxar
[por]que vos nunca louv' en meu trobar
mays ora quero fazer un cantar
en que vos loarey toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

[Ay] dona fea! se Deus mi perdon!
[e] poys avedes tan gran coraçon
que vos eu loe en esta razon,
vos quero ja loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loey
en meu trobar, pero muyto trobey;
mays ora ja un bon cantar farey
en que vos loarey toda via;
e direy-vos como vos loarey:
dona fea, velha e sandia!

I. V 1097. — Os versos 2, 7 e 8 andam falhos de uma syllaba, que facilmente póde ser supprida no principio de todos elles. Quem não quizer seguir esta norma, poderá ler *louve* em vez de *louv'*, *assí* em vez de *se*, e *atan* em vez de *tan* — 2 *trobar] cantar*: veja-se v. 14 — 7 *ds* — 8 *corazõ* — 9 Ou antes *lo[uv]e*? — 10 *fea] sea.*

II. 994. Quanto ao emprego de *e* depois de exclamações, cf. **CD**, nota ao v. 653.

995. Talvez *loe* (em vez de *louve*; cf. v. 36) fosse fórma estranha á lingua dos trovadores, sendo introduzida nos textos pelos copistas. Ao menos, não é crivel que o mesmo poeta tenha dito, ora *loe* ora *louve* (v. 988). Veja-se v. 456.

51.

Elvira Lopez, que mal vos sabedes
vós guardar sempre d' aqueste peon
que pousa vosqu' e á [gran] coraçon
de jazer vosqu', e vós non lh' entendedes!
Ey muy gran medo de xi vos colher
algur senlheyra, e, se vos foder,
o engano nunca lh' o provaredes.

O peon sabe sempr' u vós jazedes,
e non vos sabedes d' ele guardar,
si quer põedes [en] cada logar
vossa maeta e quanto tragedes;
e dized' ora (se Deus vos perdon!):
se de noyte vos foder o peon,
contra qual parte o demandaredes?

Direy-vos ora como ficaredes
d' este peon que tragedes assí
vosco, pousand[o] aquí e alí:
ey-vos (?) ja quanto que ar dormiredes,
e o peon, se coraçon ouver
de foder, foder-vos-á, se quiser,
e nunca d' el o voss' [ar] averedes.

Ca vós diredes: „Fodeu-m' o peon“;
e el dirá: „„Bõa dona, eu non!““ —
e u las provas que lh' ende daredes?

I. V 1099. — 3 Ou *vosco e á coraçon*? — 4 *jazer] pousar* — Ou *lh' o 'ntendedes*? — 10 *poedes cada*. Ou leremos *põedes cabo do*? — 11 *maera* — 12 *ds* — 18 *euo* (por *eiuꝙ*?) — 21 *uofsaueredes* — 23 *boã* — 24 *e hulas puas q̄ lhi daredes*.

II. 1010 *senlheyro* (= só) < *singularium*. Parece que o grupo latino *-ngl-* deu no portuguez antigo *-lh-*, ficando nasal a vogal precedente, e que só depois, assimilando-se a esta, o *lh* se transformou em *nh*. Assim temos hoje *senhos* (< *singulos*), *unha* (< *ungula*); porem **CM** 294, 4 e 5 lemos *senlhos* (graphado *senllos*), e **B** 338, 5 *unha* rima com *espũlha*[1]).

1) Assim está escrito duas vezes (v. 6 e 12). Parece ser synonymo do moderno *espinha* (= pustula). Virá do lat. *spinula*, influenciado por *pungere*?

1014. *põer* e *mãer* (< *manēre*) são, d'entre os verbos das conjugações 2ª e 3ª, os unicos de origem popular, alem de *tẽer* e *vĩir*, cujo radical terminava primitivamente por vogal + *n*. *Mãer* (**V** 1176, 5; **B** 115, 12; *manho* **V** 771, 1; 887, 5; *man* < *manet* **V** 771, 13; **B** 442, 3; *maséstes* **V** 1049, 4; *masésse* **V** 771, 5; *marrá* **B** 442, 6; *marredes* **V** 982, 18) cahiu depois em desuso: *põer* seguiu muito naturalmente a analogia de *ter* e *vir*. Assim, por analogia de *tenho temos*, transformou-se *ponho põemos* em *ponho pomos*; e por analogia de *temos tendes tende ter tendo* e de *vimos vindes vinde vir vindo*, as fórmas *põedes põede põer põendo* foram substituidas por *pondes ponde pôr pondo*.

1015. *maeta* corresponde ao hesp. *maleta*.

1022. *ey-vos* (= eis-vos) não se encontra, que eu saiba, nos Canc. lyricos, porem sim nas **CM** 238, 5; e *ey-m' acá* **CM** 147, 4 e na rubrica desta cantiga (onde há a variante *aquey-m' acá*).

1028. *u las* (< *ubi (il)las*) parece indicar que, na epoca da queda do *l* entre vogaes, se pronunciava ainda *uv las*. Cf. v. 129.

52.

Elvira Lopez aquí noutro dia
(se Deus mi valha!) prendeu un cajon:
deytou na casa sigo un peon,
e ũa maeta e quanto tragia
pôs cabo de sí e adormeceu,
e o peon levantou-s' e fodeu,
e nunca ar soube contra u siia.

Ante lh' eu dixi que mal sen fazia
que se non queria d' ele guardar:
sigo na casa o ia jeytar,
e dixi-lh' eu quanto lh' end' averria;
ca vos direy do peon como fez:
abriu a porta e fodeu ũa vez,
[e] nunca soube d' el sabedoria.

Mal se guardou e perdeu quant' avia,
ca se non soub' a cativa guardar:
leyxó-o sigo na casa albergar,
e o peon fez [como] que dormia,
e levantou-s' o peon traedor
e, como x' era de mal sabedor,
fodeu-a tost' e foy logo sa via.

E o peon viron en Santaren,
e non se guarda nen dá por en ren;
mays lev' o demo quant[o] en tragia!

I. V 1100. — 4 *euã* — 5 *p9* — 7 *siia] sua* — 8 *sen] seu* — 9 *dela* — 13 *huã* — 14 Ou *[e] nunc' a[r]?* — 17 *leixoo* — 18 *como que (?)] q̄* — 23 *enõſse auãda.*

II. 1030. *cajon* (= accidente) se encontra ao lado de *ocajon*: cf. **CD**, nota ao v. 347. O genero masculino se explicará por ter sido desligado desta ultima palavra (< *occasionem*) o *o* inicial, erradamente interpretado como artigo.

1035. *contra u* = em que direcção, onde; *contra* tem frequentemente significação local (= junto a, para, para com; cf. **CD**, os passos citados no Glossario).

siia (< *seía* < *sedebat*) = estava.

1036. *fazer mal sen* = agir com pouco juizo.

1038. *ia jeytar* (c. v. 844) = deitava.

1045. A pronuncia *leyxó-o*, em lugar de *leyxou-o*, é attestada pelas rimas (*negó-o*: *doo* **B** 276, 21; *lançó-os*: *filhó-os*: *avoos* **CM** 214, 8). Não é provavel que *doo* (hesp. *duelo*) e *avoos* (hesp. *abuelos*) jámais se tenham pronunciado com o primeiro *o* fechado; e quanto a *soo* (< *sõlum*), que rima com *doo* (**V** 290, 8; 515, 8, etc.), da pronuncia moderna *só* parece resultar que a antiga já foi *sóo*. Aliás, o diphthongo *ou* (< lat. *au*) deve ter tido a principio *o* aberto.

1049. *toste* é synonymo de *cedo* e, certamente, é de origem franceza ou provençal.

53.

Dona Ouroana, poys ja besta avedes,
outro conselh' ar avedes mester:
vós sodes muy fraquelia molher
e ja mays cavalgar non poderedes;
mays, cada que quiserdes cavalgar,
mandade sempr[e] a besta chegar
a un caralho de que cavalguedes.

E, cada que vós andardes senlheyra,
se vo-la besta mal selada andar,
guardade-a de xi vos derramar,
ca pe-la besta sodes soldadeyra;
e, par Deus, grave vos [per] foy d' aver;
e punhade-[a] sempr' en guarecer,
ca en talho sodes de peydeyra.

E non moredes [vós] muyto na rua:
este conselho filhade de min;
ca perderedes logu' i o rocin,
e non faredes i vós prol nen ũa;
e, mentr' ouverdes a besta, de pran,
cada u fordes todos vos farán
onra d' outra puta fududancua.

E, se ficardes en besta muar,
eu vos conselho sempre a ficar
ant' en muacho novo ca en mua.

I. V 1109. — 3 *fra quelinha* — 4 *se ia* — *podedes* (por *pod'edes*) — 9 *enſselada*, com o que sobra uma syllaba — 11 *plā* (por *pła*) — *sol daderra* — 12 *eparđs* — 15 Ou *[vos] moredes?* — 18 *uoſsa pl nē huā* — 21 *pura* — 22 *muār* — 24 *ante cō muācho* — *muā*.

II. 1055. *fraquelĩa*: cf. *mocelĩa*, v. 306.

1063. *soldadeyra* = prostituta.

1065. *punhar en* = tratar de, esforçar-se por: cf. v. 528.

guarecer = guardar, conservar.

1066. *talho* = costume? ou = fama?

peydeyra (< *pēdĭtum* + *-ariam*) é trissyllabo nos Canc.; aqui, porem, parece ter quatro syllabas (*peideyra* ou *peedeyra?*): cf. o trissyllabo *traedor* (< *tradĭtorem*).

1070. *fazer prol* = tirar proveito; *prol*, subst. fem., é palavra bastante usada.

1076. *ante* = antes.

mua e *muacho* (= macho) são vocabulos genuinamente portuguezes; o moderno vocabulo *mula* veio da Hespanha. Das graphias do codice *muār*, *muācho* e *muā*, poder-se-ia concluir que o *u* destas palavras, por assimilação ao *m*, era nasal (como o *i* de *min*); ainda assim, porem, subsistiria a imperfeição da rima nos v. 1067 e 1073.

Appendice.

Cantiga d' amor attribuida a Joan de Guilhade e a Estevan Fayan.

54.

A mha senhor ja lh' eu muyto neguey
o muy gran mal que me por ela ven
e o pesar, e non baratey ben;
e des oy mays ja lh' o non negarey:
ante lhi quer' a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

Neguey-lh'o muyto, e nunca lhi falar
ousey na coyta que sofr' e no mal
per ela; e, se me cedo non val,
eu ja oy mays lh' o [non] posso negar:
ante lhi quer' a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

Eu lhe neguey sempre, per bõa fe,
a gran coyta que por ela sofrí,
e eu morrerey por en des aquí,
se lh' o negar; mays, poys que assí é,
ante lhi quer' a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

I. V 39. — 1 *Araha* — *muyro*: erros já emendados por Monaci — 6, 12 e 18 *por]* Ou antes *per*? — 8 *ouſem na*; Mich *ous' ena*. O tempo presente não tem cabimento aqui: cf. o estribilho — *coyta* Mon] *corta* — 9 *ella* — 10 Mich *[non] lh' o*; porem explica-se mais facilmente a omissão de *nō* depois de *lho* — 11—12 *dutelhe q̄ro* (o resto do estribilho falta) — 13 *boa* — 14 *sofri* Mon, *colhi* Mich] *coſſi*. Um *c* escrito por *s* encontra-se tambem V 41, 14 (*candm* por *sandeu*), numa cantiga de Estevan Fayan, e V 511, 24 (*coyry* por *sofrí*), em uma de D.

Estevan Perez Froyan, que C. Michaëlis suppõe ser o mesmo personagem. Poderia bem provir esse êrro das peculiaridades graphicas do cancioneiro parcial, cujo conteudo entrou na grande compilação do codice da Vaticana, e, nesse caso, nos autorizaria a concluir que as cantigas 39, 41 e 511 do V pertencem ao mesmo autor — 17—18 *ante lhe q̄ro.* (o resto falta).

II. 1082. *o por que* = por que razão, *o per que* = por que meio. Cf. v. 70.

Cantiga d' amigo de Joan Baveca.

55.

Amigo, sey que á muy gran sazon
que trobastes sempre d' amor por mí,
e ora vejo que vos travan i;
mays nunca Deus aja parte con migo,
se vos eu des aquí non dou razon
per que façades cantigas d' amigo!

E, poys vos eles tẽen por melhor
de vos enfengir de quen vos non fez
ben, poys naceu, nunca nen ũa vez,
e por en des aquí vos [jur' e] digo
que eu vos quero dar razon d' amor
per que façades cantigas d' amigo.

E sabe Deus que d' esto nulha ren
vos non cuydava eu ora fazer;
mays, poys vos cuydan o trobar tolher,
ora vedes o poder que an sigo:
ca de tal guisa vos farey eu ben
per que façades cantigas d' amigo.

I. V 830. — 4 *ala* — *comigo* — 6 *fazades* — 7 *teen* — 8 *enfengir* Mon] *enfongir* — 9 *nẽ huã* — 12 *per q̄ fazades.* (o resto do estribilho falta) — 13 *ds* — 16 *vedes* (?)] *uerey* não me parece fazer sentido — 18 *per q̄ fazades cãti.* (o resto falta.)

II. 1101—3. = E poys que elles vos prezam mais por vos gabardes dos favores daquella que nunca vos fez bem desde que nasceu.

1104. *e* introduz a oração principal depois de varias subordinadas, como V 895, 14.

Cantiga d' amigo de Pedr' Amigo de Sevilha.

56.

Un cantar novo d' amigo
querrey agora aprender,
que fez ora meu amigo;
e cuydo logu' entender,
no cantar que diz que fez
por mí, se o por min fez.

Un cantar d' amig' á feyto;
e, se mh-o disser alguen
dereyto como el é feyto,
cuydo eu entender muy ben,
no cantar que diz que fez
por mí, se o por min fez.

O cantar éste muy dito,
pero que o eu non sey;
mays, poys mh-o ouveren dito,
cuyd' eu que entenderey,
no cantar que diz que fez
por mí, se o por min fez.

I. V 819. — 9 *deyto* — 10 *cuydo o eu* — 11—12 *no cantar q̄ diz* (o resto do estribilho falta) — 15 *ouuerō* — 16 *entendey* — 17—18 *no cantar q̄ diz q̄ fez p̄ mi* (o resto falta).

II. 1118. *se o por min fez* é clausula objectiva, dependente de *entender*.
1115. *éste muy dito* = é muito recitado.

Indice alphabetico das Notas

e de outros vocabulos e fórmas que merecem menção.

Os algarismos referem-se aos versos ou ás Notas relativas a estes versos.

á i 686.
acalar 862.
acordar 535.
adjectivo possessivo substantivado 69. 133.
adjectivos de quantidade concordam com seu complemento restrictivo regido por de 417.
adubar = arranjar, dispor 133.
afeytar 528.
al 42.
alá = lá 206. 301.
alevar 512.
alguen 147.
algur = algures 1010.
amostrar 289.
an 148. 1110.
andar por 116.
ante *adv.* 1076.
aquel 968.
aquel que pód' e val 968.
aquelo 42.
aqueste 52.
aquesto 42. 181. 371.
ar 81.
arlota 283.
arriçar (arrizar?) 979.
ascuytando = escutando 894.
assí 41. 301.
atá 536.
atal, atan, atanto 301.
atender 154.
avantar 729.
aven 947.
aver 13. aver a *com inf.* 538. 914.
averrey 475. 947.
avïir 475. 947.

bafordar 509.
baraça 381.
baratar 492.
ben *subst.* 64.
bever 756.
bon, bõo 46. 359.
Brancafrol 579.
britar 905.
buscar 123. 951. 975.

ca 88. ca = que 377. 475.
cabo (per c.) 973.
cabo, cabo de 313.
cada que 550.
caente, caentura 850.
çafar 575.
cajon 1030.
carne = prato de carne 910.
cas (en c. de) 393. 922.
catar = olhar 129.
cativo 227.
cedo = logo, breve 906.
cevada 756.
chagar 313.
che, chi, ch' 24. 188.
chufar 672.
chus 532.
cima 578. 641.
cinga 396.
citola, citolar 722.
citolon 751.
cobrado de 448.

cobrar 796.
cofonder 604.
colo = pescoço, cerviz 916.
come 366.
como quer = de qualquer modo, como quer que seja 352.
comprido 615.
comprir 541.
conhocedor 734. 827.
conhocer 676.
conhoçudo 656. conhuçudo 710.
conselhar = aconselhar 1075.
conselho 690.
contra 1035.
cor 535.
coraçon 678.
correger 743.
coyta, coytar, coytado 14.
coytado por 467.
crecer 534.
creer 568. *1ª sg. ind. pr.* creo 473. *subj. pr.* crea 344. 484.
custoso 885.
cuydar 796. a meu cuydar = ao meu ver 815.

dar (non d. nulha ren por = não fazer caso de) 930.
dativo ethico 35. 473.
dativus commodi 24.
de *antes do inf. exprime a causa* 1102.
dé, dê 325.
deantar 729.
degredo 905.
demanda = pedido 603.
demandar = pedir 238. 413.
demo leve 495.
dereyto 118. 901.
derramar = desmontar 1062.
des 4. des i 422.
desacordado 535.
desaguisado 415.
desejo expresso pelo plusqpf. ou subj. impf. 456.
desemparado de 697.
desemparar 280.
desguisado 415.
devedor (non se ten por d. de) 819.
di 856.
dia (mal dia nací) 263.
disso 880.
dixe, dixi, dix' 253.
dizer de non 360.
dõa 398.
doer-se de 66.
dona 857.
doo 1045.

e *depois de exclamações* 994.
e *introduz a oração principal depois de várias subordinadas* 1104.
ed 588.
el 8.
empar 2.
en, ende, end' 24.
en que 871.
encolheyto 898.
enfenger, enfengir, enfinger, enfingir 392.
enfinga 395.
enfinta 392. 636.
enmentar 497.
ẽ-no 149.
enriçado 979.
entençar 750.
er 597.
era = estava 88.
ergo 569.
errado (seer e. = errar) 829.
escançar 859.
esforçar 80. esforçar-se 345.
esso 42. 210.
est, éste 251. 1125.
estevestes 371.
esto 42.
ey-vos 1022.
eyxido 879.

fazer que *com indic.* 779.
fea = feia 987.
feramente 305.
ferir 313. 815.
ferirá 815.
fero = forte, grande 534.
ferrey, ferria 815.
fezer 371.
fezisti 771.

filhar 302. filhar-se a 556.
fis 557.
Flores 579.
foan, foão 877.
folia 238.
fôr = estiver 214. 475.
fôran 859.
forçar 80.
fôron 859.
fosse = estivesse 859.
foy *1ª sg.* 425.
fraquelĩa 1055.
fremoso 215.
fududancua < fududa 'n cuu, *com flexão do fem.* 1073.

gardacós 921.
gentes 802.
gradecer 256.
grado 325.
gran, grande, grand' 46.
grave 768.
guardar alg. de fazer alg. c. 1062.
guarecer 184. 248. 793. 1065.
guarir 155. 248. 813. 815.
guarirá 815.
guarrey, guarria 815.
guisa 415. de guisa = de maneira 628.
guisar 219.

i 40. 422.
infinitivo coordenado a um futuro ou condicional 195.
ir arar con os lobos 741.
ir *com inf.* 415. 508. 1038.

ja 10. ja mays nunca 405.
ja quando, ja quanto, ja que, ja u 174.
ja quer . . . quer 54.
jeytar 844. 1038.
jograr 721.
jograria 244.

la, las 129. 1028.
lamaçal 983.
lançar = golpear com a lança 515.
lazerar, lazeyra 845.
levar 512.
leyxar 71.
leyxó-o 1045.
lezer 362.
lhe, lhi, lh' 113. 188.
lhi, lh' *plur.* 578. 595.
lhis = lhes 3.
lidar, lide 497.
lo, los, 129.
loaçon 997.
loado 324.
loar 36.
loe 995.

ma, mas 451.
mãefestar 952.
mãer (*sua conjugação*) 1014.
maeta 1015.
mal, mao 46. m. pecado 46. 540.
malada 865.
manha 960.
mays *conjuncção* 296.
mays de 190.
me, m' 2. 24. 141. 188.
mego 375.
mentes (meter m. en) 281.
mentre = emquanto 152.
merger, merjudo 624.
mester (é m.) 346. (aver m.) 913. 1054.
mester = officio, profissão 727.
mesura 73.
meter por 737.
meu pouqu' e pouco 248.
mh- 24. 141. 188.
mha 70. 221.
mi, m' 2. 24. 141. 188.
mí, min 106. mí *sujeito* 577.
mia, mĩa 221.
migo 375.
mocelĩa 1055.
moyra, moyro 23.
mua, muacho, muar 1076.
muy, muyt' 73. 295. 1125.

'n = en 126.
nado 425.
nembrar 78.
no 149. 409.
nos *pron. pess.* 24.
nós 152.
nosco 375.
nostro 16.

noutro 409.
nulho 106.

objectos directo e indirecto regidos por fazer, mandar, leyxar *ou* veer *com infin.* 356.
ocajon 1030.
oer 367.
oir 36.
ome 58.
onde 444.
onrada (ama o.) 869.
ora = agora 50.
ordin 278.
outorgar 944.
outro 423. 788.
ouvir 456.
oy mays 4.

pacer 979. pacer-se 973.
pagar-se de 107.
pan de voda 590.
par *prepos.* 70. pa-la, pa-lo 736.
parecer 33. 512. parecer = apparecer 308.
parte (saber p. de) 176.
participio passado concorda com o objecto directo 606.
partir 84. 544. 877.
passo *adv.* 896.
peor (é-mi p. de) 681.
per *adv.* 172.
per *prepos.* 70. 1082. pe-la 736.
pera = para 643.
perder 57. perder a terra 903. perder-se con 602. perdudo con 599.
perdon *1ª sg. ind. pr.* 812.
perdon *subj. pr.* 2.
perfia 254.
perfiar 320.
pero 51. 621. pero que 920.
pês 2. 920.
pesa-mi con *ou* de 113.
peydeyra 1066.
podêr 371.
podo 233.
põer *(sua conjugação)* 1014.
por 70. 1082. *exprime o destino* 638. po-la 736.
por en, por ende, por end' 35.
por que 833.
pôs 539.
posera 371. 533.
posfaçar, posfaço 890.
poys 24. 188. 302.
pran 99.
praz-mi de 510. praz-mi por 476.
praza 529.
praz(o) e quando 546.
preçar 319.
preguntar 21.
prender 278. prender pesar 455.
preyto 377.
prez 73.
prol 1070.
pronome pessoal objecto dum verbo e dum infin. regido por este 735.
pronomes pessoaes: fórmas tonicas na funcção de objecto sem prepos. 106. 152. 963.
prougue, prouguer 487.
pudi 950.
punhar de 528. punhar en 1065.

que de 245.
que non poderia mayor 939.
que, quen *pron. rel.* 105.
querer ben, mal 9.
querrey, querria 150.
querrey = quero 594. 1114.
quiso 637.
quitar-se 565.

rascar no cepo 789.
razon 274. 635. 1099. fazer razon = ter razão, fazer bem 806.
ren = coisa 357. = nada 59. 65.
ricome 889.
riir 802.
rija 809.

sa 232.
sabedoria = novas 1042.
sabor 151. 261.
sabudo 698.
saido 879. é saido = está passado, passou 547.
sandece, sandice 48.
sazon 169.
se, s' 24. 188.

se quer 340. 935. se quer que 954.
sedes, seedes 662.
seer 329.
segrer 721.
sejo 427.
semẽar o sal 741.
semelhar 754.
semos 662.
sen *subst.* 58. 162. 1036.
sẽ-na 290.
senhor *fem.* 70.
senlheyro 1010.
serey, seria 329. seria = estaria 447.
servha 686.
si, s' 24. 188.
si quer 340.
si *adv.* 301.
sigo 375.
siia 1035.
sodes 662.
soia = costumava 446.
sol *adv.* 40.
sol *3ª sg. ind. pr.* 14.
soldadeyra 1063.
son = estão 677. 926.
son *subst.* 936.
son, sõo 379.
soo 40. 1045.
spantoso = espantoso, hediondo 889.
subjunctivo depois de jurar que 536.
subjunctivo na oração interrogativa dependente 404. 773.
suppressão do artigo antes de substantivo determinado por clausula relativa 679.
tá 536.
talhado 539.
talho 335. 1066.
tanto que 349. = desde que, quando 640.
te, t' 24. 188. 725.
tẽen, tẽes 217.
tẽer = julgar 162. 238. tẽer por ben = approvar 371.
tẽerey 422.
tençon 753.
terrey, terria 422.
tever 371.
ti, t' 24. 188. 725.
tí 106.
tigo 375.
todo 42.
tolher = tirar 804.
tornar 103. 120.
torto 924.
toste 1049.
traedor 625. 1047.
trager 412. 615. = trajar, usar 908.
travar = atacar, reprehender 1097. travar en 748.
trey, treyde, treydes 311.
tudo 711.

u 84. 1028. 1035.
ũas outras 462.

vagar 559.
val *3ª sg. ind. pr.* 92.
valerá, valeredes 639.
valrey, valria 639.
van 148.
vedes, veedes 63.
veen 217.
veer 63. 86. 735.
vẽer 461.
veeren 684.
veerey, veeria 63.
vẽo 461.
verey, veria 63.
verrey, verria 475.
vervo 882.
ves 63.
via (ir sa v.) 1049. toda via = sempre, de todos os modos 237. 784.
vĩide 620.
vĩir 475. 620.
vin 461.
Vincal 795.
voda 509. 590.
vo-lhe 473.
vos 24. 35.
vós 152.
vosco 375.

xe, xi, x' 24. 188.